

APÊNDICES

Apêndice 1

Primeira entrevista à mãe do aluno: guião e protocolo

Guião de Entrevista

Objectivos:

- a) Caracterizar o contexto familiar do aluno;
- b) Conhecer a opinião da mãe face à problemática do seu educando e da sua integração na comunidade escolar;
- c) Identificar quais as principais dificuldades sentidas pelo aluno em contexto escolar;
- d) Clarificar as expectativas da mãe face ao futuro da criança.

Questão global inicial:

Numa escola cada vez mais heterogénea torna-se necessário estar atento às singularidades de cada um dos alunos que a constituem. Essa diferença enriquece a cultura escolar, mas também pode, por vezes, surgir como uma problemática que afecta tanto alunos como professores. É cada vez mais frequente encontrar alunos com NEE integrados numa escola do ensino regular. O presente trabalho pretende perceber de que forma estes alunos estão (ou não) integrados nas escolas que frequentam e o que poderá ser feito (e de que forma fazê-lo) para desenvolver competências motoras e de aceitação inclusiva de alunos com algum tipo de problemática, neste caso, com paralisia cerebral / problemas motores em contexto de 2º ciclo.

Entrevistados:

Mãe do aluno alvo do presente estudo.

No início do estudo:

1. Como é constituído o seu agregado familiar?
2. Como são os comportamentos do seu filho em casa?
3. Como tem sido o percurso escolar dele?
4. Quais são as suas principais dificuldades na escola?
5. Que aspectos positivos realça da escola?
6. O que tem sido feito na escola para ajudar o seu filho?

7. Sente apoio por parte da escola? Dos professores?
8. Qual a opinião do seu filho face à escola? E as colegas da turma?
9. Tem apoio em alguma área fora da escola? Se sim, onde?

No final do estudo:

1. Sentiu algumas alterações no comportamento do seu filho? Em que aspectos?
2. Sente que este tipo de apoio foi benéfico para o seu filho?
3. Qual a reacção do seu educando face a este apoio de que foi alvo?
4. Considera que o seu filho deveria continuar a ser apoiado desta forma?

Entrevista à mãe do aluno

(No início do estudo)

1. Como é constituído o seu agregado familiar?

Meu agregado familiar é constituído pelo meu marido, as duas filhas mais velhas, o R. e uma pequenina com dois anos.

2. Como são os comportamentos do seu filho em casa?

O comportamento do meu filho em casa muito vezes não é muito favorável, porque ele às vezes é... tem nervos, atrapalha, pode deitar-nos a comida no chão... e... por causa dos problemas motores é um bocadinho desastrado.

3. Como tem sido o percurso escolar dele?

O percurso escolar dele tem sido, é bom aluno na escola, tem bom aproveitamento e... só que tem muitas dificuldades motoras.

4. Quais são as suas principais dificuldades na escola?

As principais dificuldades na escola é... porque não tem fisioterapia e precisava de ter mais uma auxiliar só para ele. Para ele estar mais à vontade e sentir bem.

5. Que aspectos positivos realça da escola?

Os professores são amigos dele, a turma também tem muitos amigos que gostam muito dele. O director também lá da escola ajuda muito nas possibilidades académicas.

6. O que tem sido feito na escola para ajudar o seu filho?

Em termos da fralda ele já não usa fralda na escola. Vai de boxers para a escola, mas quando volta para casa ele tem de usar fralda porque não temos condições em casa, a casa de banho não é própria para um menino de cadeira de rodas.

7. Sente apoio por parte da escola? Dos professores?

Sim, sinto que todos os professores gostam dele, é amigo e os colegas também são todos amigos dele.

8. Qual a opinião do seu filho face à escola? E as colegas da turma?

Gosta de estar na escola, gosta muito dos colegas e tem muitos amigos para brincar com ele. E sente-se bem lá na escola.

9. Tem apoio em alguma área fora da escola? Se sim, onde?

Agora não tem, mas antes ia ao Centro de Paralisia Cerebral e depois ficou a ir só às consultas anualmente, mas sempre que precisar de medicação ligo ou vou lá e trago as receitas. Agora não está a fazer fisioterapia, porque não tenho transporte para levar o R. à fisioterapia e quando está a chover, para mim, é um caos para levar ele para a fisioterapia. Também pensava, que neste ano lectivo, ia ter este apoio na escola de fisioterapia, mas ainda não.

Apêndice 2

Primeira entrevista à professora de matemática: guião e protocolo

Guião de Entrevista

Objectivos:

- e) Identificar quais as principais dificuldades sentidas pelo aluno em contexto escolar.
- f) Identificar aspectos que os professores consideram importantes para a inclusão de alunos com NEE ao nível da organização da escola, do processo ensino - aprendizagem, de apoios e de recursos.
- g) Conhecer a opinião dos professores relativamente à existência de uma sala de apoio para estes alunos e a sua articulação com a sala de aula.
- h) Perceber quais as soluções encontradas, pelos professores, para a resolução das suas problemáticas.
- i) Assinalar que estratégias são utilizadas para a integração deste aluno na turma/escola.
- j) Analisar as atitudes dos docentes face à inclusão deste aluno na sala de aula.
- k) Perceber a importância dada pelos professores ao trabalho de equipa / parcerias no trabalho desenvolvido com alunos com NEE.
- l) Identificar atitudes e conceitos dos colegas da turma relativamente ao aluno em estudo.

Questão global inicial:

Numa escola cada vez mais heterogénea torna-se necessário estar atento às singularidades de cada um dos alunos que a constituem. Essa diferença enriquece a cultura escolar, mas também pode, por vezes, surgir como uma problemática que afecta tanto alunos como professores. É cada vez mais frequente encontrar alunos com NEE integrados numa escola do ensino regular. O presente trabalho pretende perceber de que forma estes alunos estão (ou não) integrados nas escolas que frequentam e o que poderá ser feito (e de que forma fazê-lo) para desenvolver competências motoras e de aceitação inclusiva de alunos com algum tipo de problemática, neste caso, com paralisia cerebral / problemas motores em contexto de 2º ciclo.

Entrevistados:

Docentes das várias disciplinas do aluno alvo do presente estudo.

Questões:

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?
2. O aluno apresenta dificuldades na sua disciplina? Em que aspectos?
3. Quais as principais dificuldades sentidas por si em relação ao aluno em questão?
4. Que estratégias são utilizadas por si para superar essas dificuldades?
5. Este aluno tem objectivos diferentes em relação à restante turma? Sente a necessidade de utilizar estratégias diferentes? Expõe os conteúdos de forma diferenciada?
6. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?
7. Como articula o trabalho aí desenvolvido com o desenvolvido na sala de aula?
8. Em que tipo de actividades participa com a restante turma?
9. Sente que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma? Há a preocupação da restante turma em cooperar com ele? De que forma?
10. Há cooperação / trabalho de equipa entre professores no que se refere à problemática deste aluno?
11. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?
12. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

Questões:

(final da investigação)

1. Na sua opinião, o trabalho desenvolvido, ao longo deste ano, foi benéfico para o desenvolvimento do aluno? Em que aspectos?
2. Se considera que ocorreram alterações no desempenho do aluno como se verificam elas na sua disciplina?
3. Considera que essas alterações influenciaram a integração do aluno na turma?
4. O comportamento dos restantes colegas alterou-se em relação ao aluno em causa? De que forma?

Entrevista à professora de matemática:

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?

O R. é um aluno inteligente, divertido e... e muito bem integrado na turma. Apesar do problema motor que tem, ele está preso... Eu costumo dizer que o R. está preso dentro do seu próprio corpo, não é... apesar da inteligência toda que tem ele está preso dentro do corpo dele.

2. O aluno apresenta dificuldades na sua disciplina? Em que aspectos?

Ele é muito bom a matemática devido à sua enorme inteligência, mas depois apresenta muita dificuldade em formalizar, por exemplo ao nível da construção, quando temos de construir alguma coisa de triângulos ou quadriláteros, ele sabe como na hora, mas depois deixa de saber, porque nunca fez, nunca manipulou os materiais. Nas expressões numéricas acaba por acontecer a mesma coisa, como ele não formaliza acaba por baralhar as regras, mas normalmente ele tem um raciocínio matemático muito bom.

3. Quais as principais dificuldades sentidas por si em relação ao aluno em questão?

Ah... Não tive formação para apoiar este tipo de alunos, por isso faço intuitivamente aquilo que o melhor que sei para integrá-lo e para puxar por ele. Mas a dificuldade foi mesmo tentar perceber como é que podia ajudá-lo e integrá-lo e fazer com que ele fizesse parte do todo.

4. Que estratégias são utilizadas por si para superar essas dificuldades?

Chamo à aula bastantes vezes... chamo-o a participar na aula bastantes vezes. É uma forma que eu tenho a certeza que ele está atento e que está a perceber o que se está a passar... e tento, quando ele solicita, tento dar apoio, embora não seja nada fácil nesta turma.

5. Este aluno tem objectivos diferentes em relação à restante turma? Sente a necessidade de utilizar estratégias diferentes? Expõe os conteúdos de forma diferenciada?

Não. Não, ele é inteligente e consegue adquirir todos os conteúdos... depois a parte da formalização já é diferente, já é mais complicada.

6. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?

Sala de apoio?... A unidade... Pelo que sei ele está numa unidade e, a nível motor, deve haver muita coisa que ele deve desenvolver lá. Se houvesse meios para que isso pudesse acontecer era ideal, porque ele tem aqueles problemas motores e só lá é que podem ser resolvidos, ou pelo menos atenuados.

7. Como articula o trabalho aí desenvolvido com o desenvolvido na sala de aula?

Não há grande articulação entre nós... Eles fazem os testes com ele, os trabalhos de casa, quando a Filipa vai com ele à aula, os trabalhos vão ser feitos, em princípio, muitas vezes não são feitos em casa, a maior parte das vezes são feitos na unidade. Mas é essa a articulação que nós temos.

8. Em que tipo de actividades participa com a restante turma?

Todas, ele está integrado e participa em todas as actividades que consegue que não tenha a solicitação motora. Ir ao quadro não pode, mas eu solicito a participação dele e escrevo eu o que ele está a dizer. E ralho quando é para ralar, e digo muito bem quando está, acabo por fazer...

9. Sente que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma? Há a preocupação da restante turma em cooperar com ele? De que forma?

Sim, ele está muito bem integrado na turma. Eles gostam imenso dele. É uma guerra, por exemplo, quem é que pode... quem é que leva o R. para o recreio. É uma guerra para ver quem é que se senta ao lado do R. Todos querem. Portanto ele não... Nota-se que eles gostam dele e que ele está integrado.

10. Há cooperação / trabalho de equipa entre professores no que se refere à problemática deste aluno?

Conversamos entre nós... Trabalho de equipa acaba por ser isso... Como uns fazem, como é que outros fazem, trocamos ideias, portanto, sim, acaba por haver uma ligação e todos ajudamos: “olha eu faço assim” “Ah, boa ideia!” É mais por aí.

11. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?

Eu espero que o R. venha a ser assim... muito bem sucedido na vida, e... porque ele tem uma inteligência que lhe pode permitir isso. Se se conseguir libertar, depois, de todas os outros problemas que... se tiver apoio de casa que lhe permita isso e os recursos... e apoio de todo lado, da escola, dos pais. Porque ele tem inteligência para isso... para ser muito bem sucedido.

12. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

Neste caso, eu precisava muito de ter alguém com o R. na aula, porque quando a auxiliar vai, quando a F. está com ele, nota-se que o R. evolui muito mais do que quando está sozinho. Porque a F... eu estou, eu explico e depois a F. faz o favor de explicar só a ele... ele diz como é que se faz e ela vai fazendo. Ele acompanha muito e ela ajuda imenso. Ajuda... porque ele desenvolve mais com ela ao lado, porque se ele está sozinho distraí-se como os outros, como não consegue formalizar no caderno, como não consegue escrever acaba por se distrair mais ainda. O computador nem sempre está bom, nem sempre ele consegue fazer o que é suposto, portanto com a F., com a auxiliar, com quer que fosse que estivesse ao lado, que estivesse ali a ajudar, era o ideal. Não há é recursos para isso.

Apêndice 3

Primeira entrevista à directora de turma: guião e protocolo

Guião de Entrevista

Objectivos:

- a) Identificar quais as principais dificuldades sentidas pelo aluno em contexto escolar.
- b) Conhecer a opinião dos professores relativamente à existência de uma sala de apoio para estes alunos e a sua articulação com a sala de aula.
- c) Perceber quais as soluções encontradas, pelos grupo de docentes, para a resolução das suas problemáticas.
- d) Assinalar que estratégias são utilizadas para a integração deste aluno na turma/escola.
- e) Analisar as atitudes dos docentes face à inclusão deste aluno na sala de aula.
- f) Perceber a importância dada pelos professores ao trabalho de equipa / parcerias no trabalho desenvolvido com alunos com NEE.
- g) Identificar atitudes e conceitos dos colegas da turma relativamente ao aluno em estudo.

Questão global inicial:

Numa escola cada vez mais heterogénea torna-se necessário estar atento às singularidades de cada um dos alunos que a constituem. Essa diferença enriquece a cultura escolar, mas também pode, por vezes, surgir como uma problemática que afecta tanto alunos como professores. É cada vez mais frequente encontrar alunos com NEE integrados numa escola do ensino regular. O presente trabalho pretende perceber de que forma estes alunos estão (ou não) integrados nas escolas que frequentam e o que poderá ser feito (e de que forma fazê-lo) para desenvolver competências motoras e de aceitação inclusiva de alunos com algum tipo de problemática, neste caso, com paralisia cerebral / problemas motores em contexto de 2º ciclo.

Entrevistados:

Director de turma do aluno alvo do presente estudo.

Questões:

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?
2. Que tipos de apoio tem este aluno?
3. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?
4. Que medidas foram tomadas para que a integração deste aluno numa turma do ensino regular fosse possível?
5. A integração deste aluno na comunidade escolar tem sido fácil? Se não, qual a razão para tal. Se sim, pode dar alguns exemplos de alguma situação em que isso se tenha verificado?
6. Considera que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma / escola?
7. Sente que há cooperação / trabalho de equipa entre os professores desta turma no que se refere à problemática deste aluno?
8. Há reuniões interdisciplinares com os profissionais que estão envolvidos com o aluno?
9. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?
13. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

Questões:

(final da investigação)

1. Na sua opinião, o trabalho desenvolvido, ao longo deste ano, foi benéfico para o desenvolvimento do aluno? Em que aspectos?
2. Considera que essas alterações influenciaram a integração do aluno na turma?

3. O comportamento dos restantes colegas alterou-se em relação ao aluno em causa? De que forma?

Entrevista à directora de turma

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?

É um aluno... é um aluno simpático, com muita necessidade e vontade de comunicar. Gosta de aprender, mas que tem problemas motores a nível de... incapacidade motora. Tem uma paralisia cerebral.

2. Que tipos de apoio tem este aluno?

Tem o apoio do ensino educativo, da sala de apoio, da sala de multidifeciências, mas que falta-lhes alguns apoios a nível motor, que precisava de trabalhar muito mais o seu corpo para conseguir ultrapassar determinadas dificuldades de movimentos dos seus músculos, do seu corpo.

3. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?

Uma parte sim, uma parte também na sala de aula com os restantes alunos que não têm este tipo de deficiências e também, se calhar, num espaço mais amplo onde pudesse estar a desenvolver a parte motora, parte física, para ter ainda um espaço mais amplo.

4. Que medidas foram tomadas para que a integração deste aluno numa turma do ensino regular fosse possível?

Por exemplo, a utilização do elevador para chegar à sala de aula, isso é uma medida. Outra medida tentar que o aluno se sentisse o melhor possível dentro da sala de aula e que portanto, que foi colocado à frente. Geralmente está sempre à frente. A mesa adaptada, também, às suas características. O aluno também, a turma em si, aceitou bem, gosta do aluno. Os professores também tentaram desenvolver sempre, ou tentam sempre desenvolver, adaptando sempre os trabalhos às suas características como aluno. Damos sempre os mesmos conteúdos, ele assimila os mesmo conteúdos, ele tem a capacidade de perceber e assimilar os conteúdos que lhe são dados para o

nível de ensino em que ele está inserido, mas, claro, há adaptações que são feitas para a especificidade das suas limitações físicas.

5. A integração deste aluno na comunidade escolar tem sido fácil? Se não, qual a razão para tal. Se sim, pode dar alguns exemplos de alguma situação em que isso se tenha verificado?

Eu penso que a integração tem sido fácil, também o trabalho com a escola anterior, portanto o aluno já conhecia alguns alunos que estavam na sua turma e era bem aceite. E os alunos também eram participativos e tentam sempre ajudar o aluno, como por exemplo, levá-lo ao elevador, estão disponíveis, ou se ele precisa de papel, ou de afiar o lápis, ou de material que não esteja ao alcance imediato dele eles tentam sempre ajudar o aluno, isso é verdade.

6. Considera que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma / escola?

Considero, da turma considero. Da escola, portanto, eu não tenho muito conhecimento, mas da turma considero e é um elemento que os colegas da turma gostam. Conhecem-no já há algum tempo, não é só deste ano, já o conhecem de anos anteriores, uma parte, e gostam dele e gostam dos comentários que ele faz... acho que está bem inserido.

7. Sente que há cooperação / trabalho de equipa entre os professores desta turma no que se refere à problemática deste aluno?

Há, há algum trabalho de equipa, sim. Principalmente entre os professores de apoio e os apoios de cada disciplina acho que há, acho, não, há uma comunicação... há um entendimento. E em relação aos professores do conselho de turma, da turma, acho que também falamos sobre o aluno e tentamos melhorar a sua participação e a sua aquisição de conhecimentos que têm estado a desenvolver-se ao longo do ano lectivo.

8. Há reuniões interdisciplinares com os profissionais que estão envolvidos com o aluno?

Há, quando é necessário, sim. E com os professores que estão na sala de apoio também. Sim, sim. Quer dizer os professores da sala de apoio e os

professores de conselho de turma nas reuniões intercalares e nas reuniões de final de período estão todos presentes sempre e há sempre um momento em que se fala do aluno R. e geralmente, geralmente não, é sempre desenvolvido, é sempre mais um pouco do que um aluno... uma vez que há mais elementos, há mais professores envolvidos na sua, no seu processo escolar.

9. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?

As minhas expectativas... eu acredito que este aluno vai continuar a estudar. E que se tiver oportunidade a nível da família e a nível da sociedade que vai continuar a desenvolver e a adquirir conhecimentos. Portanto é um aluno que eu acho que... não me espantaria que chegasse à faculdade, ao ensino superior. A nível físico, motor, acho que provavelmente, provavelmente não, na minha opinião precisa de um apoio maior e era muito bom para o seu percurso, para a sua vida, ter esse apoio para conseguir então melhores resultados a nível do ensino, do seu percurso escolar, porque o faria sentir-se melhor e mais facilidade, também, de escrever no computador, de comunicar os conhecimentos adquiridos

10. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

É assim... eu acho que a escola em si, onde o aluno está inserido, tem condições, o que penso falta um pouco é o apoio ao nível motor, a nível de fisioterapia. O apoio do desenvolvimento do seu corpo, do seu bem-estar a nível físico.

Apêndice 4

Primeira entrevista à professora de educação especial_2: guião e protocolo

Guião de Entrevista

Objectivos:

- a) Identificar quais as principais dificuldades sentidas pelo aluno em contexto escolar.
- b) Identificar aspectos que os professores consideram importantes para a inclusão de alunos com NEE ao nível da organização da escola, do processo ensino - aprendizagem, de apoios e de recursos.
- c) Perceber quais as soluções encontradas, pelos professores, para a resolução das suas problemáticas.
- d) Assinalar que estratégias são utilizadas para a integração deste aluno na turma/escola.
- e) Analisar as atitudes dos docentes face à inclusão deste aluno na sala de aula.
- f) Perceber a importância dada pelos professores ao trabalho de equipa / parcerias no trabalho desenvolvido com alunos com NEE.
- g) Identificar atitudes e conceitos dos colegas da turma relativamente ao aluno em estudo.

Questão global inicial:

Numa escola cada vez mais heterogénea torna-se necessário estar atento às singularidades de cada um dos alunos que a constituem. Essa diferença enriquece a cultura escolar, mas também pode, por vezes, surgir como uma problemática que afecta tanto alunos como professores. É cada vez mais frequente encontrar alunos com NEE integrados numa escola do ensino regular. O presente trabalho pretende perceber de que forma estes alunos estão (ou não) integrados nas escolas que frequentam e o que poderá ser feito (e de que forma fazê-lo) para desenvolver competências motoras e de aceitação inclusiva de alunos com algum tipo de problemática, neste caso, com paralisia cerebral / problemas motores em contexto de 2º ciclo.

Entrevistados:

Docente de educação especial do aluno em estudo.

Questões:

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?
2. Que estratégias são utilizadas por si para superar essas dificuldades?
3. Que apoios tem este aluno?
4. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?
5. Como articula o trabalho aí desenvolvido com o desenvolvido na sala de aula?
6. Sente que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma? Há a preocupação da restante turma em cooperar com ele? De que forma?
7. Considera benéfico o trabalho realizado em cooperação com o professor de apoio? Quais as vantagens/desvantagens?
8. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?
9. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

Entrevista à docente de Educação Especial_2

(início da investigação)

1 Como caracteriza este seu aluno?

É um aluno que apresenta um quadro motor com muitas limitações, limitações acentuadas, mas apenas a nível motor, porque nas restantes áreas, a nível cognitivo e tudo o resto é um aluno perfeitamente normal, como os outros.

2. Que estratégias são utilizadas por si para superar essas dificuldades?

A nível motor? (risos) A nível motor eu não intervenho. Nessa área para além de que ele apesar de pertencer à Unidade de Multideficiência, não é um aluno multideficiente e portanto ele passa a maioria do tempo passa-o na turma de referência, portanto não actuamos, não intervimos muito com ele a esse nível.

3. Que apoios tem este aluno?

Apoios.. portanto, ele acaba por beneficiar de dois tempos semanais, se não estou em erro, com a outra colega da sala, e porquê? Porque é à terça e à quinta de manhã que ele é retirado da turma de referência nos períodos do Estudo Acompanhado e penso que é da Área – Projecto. Como são essas duas manhãs que é a colega que esta cá na sala é ela que depois intervém com ele e dá-lhe apoio a nível de organização do dossiê, explicar-lhe algumas partes da matéria, uma vez que ele tem as dificuldades de escrita e o computador, portanto, o... o Grid, o material que ele utiliza nem sempre tem estado a funcionar, o computador tem dado uma série de trabalhos este ano e portanto ele acaba por perder um pouco o fio à meada a nível de resumos da matéria e apontamentos. E é mais nesse aspecto que a colega o ajuda, não tanto a nível de... ele não tem dificuldades de aprendizagem, precisa é de uma ajuda através de organização para se poder orientar.

4. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?

Portanto a sala onde ele tem apoio é a nossa sala, a unidade de multideficiência. Se, por um lado, considero que o ambiente não será o mais apropriado, porque os outros alunos não se controlam- ora gritam, ora choram, ora berram, portanto ele não está propriamente num ambiente de calmo e tranquilo para estar concentrado, por outro lado, como aquilo que ele faz ali também, ultimamente também te sido treino do cabecear, neste programa, no Grid, o programa tinha de ser instalado em algum lado e como foi, como o programa está à nossa responsabilidade teve de ser ali instalado na sala, não há... muitas mais possibilidades.

5. Como articula o trabalho aí desenvolvido com o desenvolvido na sala de aula?

Existe uma articulação com os professores das disciplinas que nos vão pondo a par da matéria que está a ser dada, o que é que ele precisa de ir estudando, a nível de trabalhos de casa, as datas dos testes que é para ele poder ser ajudado a ficar o melhor preparado possível. Temos também, criámos este ano, uma conta de e-mail para mais facilmente podermos estar em contacto permanente com todos os professores da turma. E isso tem ajudado bastante.

6. Sente que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma? Há a preocupação da restante turma em cooperar com ele? De que forma?

Isso há, sim. Sei que há muitos, não sei exactamente quantos, mas há muitos que já o conhecem de há bastante tempo. E portanto, sim, nem é preciso pedir-lhes, porque eles próprios se voluntariam e ajudam. Ajudam, colaboram, preocupam-se se o R. falta, vão logo saber lá à sala se temos alguma novidade, se sabemos o que se passa. Portanto, sim, ajudam. E mesmo... havia uma disputa muito grande até em termos de quem é que o ia ajudar com o computador... só que isso depois também acabava por interferir com o ambiente de sala de aula e então em reunião de conselho de turma ficou decidido quem eram os colegas que podiam ir ajudar e elas, só elas, podiam

mexer no computador, também ficarem com essa responsabilidade, porque como aquilo aparecia constantemente avariado, depois não era ninguém. Então assim é mais fácil, são só elas, duas alunas extremamente responsáveis... não que os outros não o quisessem fazer, também queriam, mas isto acabava por ficar um bocadinho mais disperso.

7. Considera benéfico o trabalho realizado em cooperação com o professor de apoio? Quais as vantagens/desvantagens?

O professor de apoio, neste caso, a minha colega de sala. Se há vantagens? Claro que há vantagens, porque os professores do regular em contexto de sala de aula não conseguem fazer um trabalho individualizado com este aluno e portanto, mesmo ao nível, lá está, do treino da escrita, e de tudo o resto, as consequências que isso envolve, porque ele acaba por acompanhar a matéria de uma maneira diferente da dos restantes colegas e portanto é uma mais valia ele poder ter um apoio fora da sala de aula e individualizado.

8. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?

Ele anda muito preguiçoso! Mas ele é muito inteligente e se se aplicar ele tem tudo para poder vingar na vida. Portanto, é uma questão de trabalhar.

9. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

Bem, ele aqui tem..., muitas coisas que têm aparecido, ao programa, ao computador, temos a salinha para ele, temos o elevador para ele ir, quando, as salas de expressão plástica são todas no segundo piso, para ele também acompanhar os colegas nessas outras aulas. Acho que tem havido. A única coisa que tem falhado, que há alguma instabilidade é a nível de recursos humanos, sobretudo de auxiliares de acção educativa. Porque ele não pertencendo, quer dizer, a tempo inteiro à nossa unidade, estando aqui a maioria das vezes, às vezes é complicado, sobretudo às horas de almoço, em que as pessoas estão todas canalizadas para apoiar nas refeições dos restantes utentes da unidade estão no refeitório, depois há uma preocupação

constante de quem é que agora pode sair, quem é que agora pode ir buscar o R., porque já tocou, porque ele agora está no intervalo, alguém tem de ficar com ele, porque os professores do regular não ficam encarregues dessa tarefa, e estão no seu direito de irem tomar o seu café, de ir à casa de banho, de fazerem o que necessitarem. As funcionárias de piso também estão destacadas para orientar o corredor e não para ficar com alunos, portanto também não ficam com ele. Portanto, isso sobra para o pessoal da sala, que muitas vezes, estando depois com os restantes seis noutras tarefas, ou se estiverem nas mudas, a mudá-los na casa de banho... portanto acaba por ser uma chatice. Ele, coitadinho, acaba por ficar muito triste, agora já está um pouco mais conformado, de não poder participar nos intervalos como os restantes colegas, mas é impossível, porque isso implicava que houvesse uma pessoa que pudesse ser retirada da sala durante esses períodos para o poder acompanhar. E não há.

Técnicos, das terapias, foi por essa razão e apenas por essa razão que ele foi incluído na unidade, era para poder beneficiar da fisioterapia, sobretudo fisioterapia, mas não houve, não foi estabelecido nenhum protocolo este ano, tanto quanto sei, houve uma confusão com as verbas... que vinham da parte do Ministério da Educação. E portanto a entidade que tinha um protocolo estabelecido connosco, no ano passado, este ano não quis renovar com o Ministério, portanto não foi nada com o Agrupamento, foi a nível do Ministério, não renovou e automaticamente nós ficámos sem qualquer apoio. Estamos em Janeiro, não se prevê, tanto quanto sei, não se prevê que ninguém venha o que é incrível, porque apesar de tudo ainda temos seis meses de trabalho pela frente. Portanto, parece que ah, já passou o primeiro período e pronto vem para o ano. É incrível porque seis meses ainda eram muitos dias de terapia, ainda era tempo de muito trabalho e, se tivermos em conta que, a nível motor, que era neste caso a preocupação relativamente a este aluno, cada dia que passa contribui para uma regressão a nível físico e portanto estão muito mal.

Apêndice 5

Primeira entrevista ao professor de educação física: guião e protocolo

Guião de Entrevista

Objectivos:

- m) Identificar quais as principais dificuldades sentidas pelo aluno em contexto escolar.
- n) Identificar aspectos que os professores consideram importantes para a inclusão de alunos com NEE ao nível da organização da escola, do processo ensino - aprendizagem, de apoios e de recursos.
- o) Conhecer a opinião dos professores relativamente à existência de uma sala de apoio para estes alunos e a sua articulação com a sala de aula.
- p) Perceber quais as soluções encontradas, pelos professores, para a resolução das suas problemáticas.
- q) Assinalar que estratégias são utilizadas para a integração deste aluno na turma/escola.
- r) Analisar as atitudes dos docentes face à inclusão deste aluno na sala de aula.
- s) Perceber a importância dada pelos professores ao trabalho de equipa / parcerias no trabalho desenvolvido com alunos com NEE.
- t) Identificar atitudes e conceitos dos colegas da turma relativamente ao aluno em estudo.

Questão global inicial:

Numa escola cada vez mais heterogénea torna-se necessário estar atento às singularidades de cada um dos alunos que a constituem. Essa diferença enriquece a cultura escolar, mas também pode, por vezes, surgir como uma problemática que afecta tanto alunos como professores. É cada vez mais frequente encontrar alunos com NEE integrados numa escola do ensino regular. O presente trabalho pretende perceber de que forma estes alunos estão (ou não) integrados nas escolas que frequentam e o que poderá ser feito (e de que forma fazê-lo) para desenvolver competências motoras e de aceitação inclusiva de alunos com algum tipo de problemática, neste caso, com paralisia cerebral / problemas motores em contexto de 2º ciclo.

Entrevistados:

Docentes das várias disciplinas do aluno alvo do presente estudo.

Questões:

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?
2. O aluno apresenta dificuldades na sua disciplina? Em que aspectos?
3. Quais as principais dificuldades sentidas por si em relação ao aluno em questão?
4. Que estratégias são utilizadas por si para superar essas dificuldades?
5. Este aluno tem objectivos diferentes em relação à restante turma? Sente a necessidade de utilizar estratégias diferentes? Expõe os conteúdos de forma diferenciada?
6. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?
7. Como articula o trabalho aí desenvolvido com o desenvolvido na sala de aula?
8. Em que tipo de actividades participa com a restante turma?
9. Sente que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma? Há a preocupação da restante turma em cooperar com ele? De que forma?
10. Há cooperação / trabalho de equipa entre professores no que se refere à problemática deste aluno?
11. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?
12. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

Questões:

(final da investigação)

1. Na sua opinião, o trabalho desenvolvido, ao longo deste ano, foi benéfico para o desenvolvimento do aluno? Em que aspectos?
2. Se considera que ocorreram alterações no desempenho do aluno como se verificam elas na sua disciplina?
3. Considera que essas alterações influenciaram a integração do aluno na turma?
4. O comportamento dos restantes colegas alterou-se em relação ao aluno em causa? De que forma?

Questões ao professor de Educação Física:

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?

O R.? O R. é um aluno que... que é muito acarinhado pelos colegas, mas que não participa nas aulas devido às limitações que tem. Não consegue participar, eu não tenho tempo para poder acompanhá-lo, porque senão não posso acompanhar o resto da turma... e é só.

2. O aluno apresenta dificuldades na sua disciplina? Em que aspectos?

Em termos de compreensão o aluno compreende aquilo que lhe é dito, em termos motores tem muitas limitações... que são evidentes...

3. Quais as principais dificuldades sentidas por si em relação ao aluno em questão?

As dificuldades são as maiores possíveis... não consigo dar aula ao aluno porque tenho que me dedicar à restante turma, portanto não posso ter mais dificuldade do que isto... em termos de conhecimentos específicos para trabalhar com este aluno também não os possuo, não tenho formação nesta área. Podia ter optado por ter formação e já estou um bocado arrependido (risos).

4. Que estratégias são utilizadas por si para superar essas dificuldades?

Não tenho possibilidade de utilizar estratégias porque tenho que tomar conta de uma turma de 28 alunos, neste caso, menos dois, 26, e não tenho... não consigo, é-me impossível. (risos)

5. Este aluno tem objectivos diferentes em relação à restante turma? Sente a necessidade de utilizar estratégias diferentes? Expõe os conteúdos de forma diferenciada?

Tem objectivos diferentes que estão definidos. Não exponho a matéria de forma diferente, uma vez que não lhe dou aula efectivamente... e havia uma terceira questão... não chego a expor os conteúdos, porque efectivamente não lhe dou aula, portanto não há exposição de conteúdos para o R. neste momento. Teóricos. Em termos teóricos há matéria que ele depois estuda individualmente e acompanhado aqui na sala e faz um teste teórico. Na parte teórica isso é feito. Em termos práticos é que não. Também não posso fazer exposição teórica na sala porque cada vez que chamava os alunos ou os reunia junto ao R. que depois que gera os abraços afectuosos, aquelas coisas que depois, infelizmente, demora algum tempo, tenho que os reunir, exponho as regras do jogo, etc... não é que seja conciliável as duas coisas neste momento, porque a turma é muito irrequieta.

6. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?

Eu penso que sim, que é o melhor sítio, até porque tem condições para isso... trabalho individual... penso que é o melhor sítio.

7. Como articula o trabalho aí desenvolvido com o desenvolvido na sala de aula?

Não articulo, uma vez que neste momento... articulo em termos teóricos, porque passo e dou a informação a quem acompanha o R., o que é que ele vai ter de estudar, forneço o material para isso e... neste caso foi o livro, não foi grande material, mas em termos práticos não existe articulação, neste momento.

8. Em que tipo de actividades participa com a restante turma?

O R.... não participa.

9. Sente que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma? Há a preocupação da restante turma em cooperar com ele? De que forma?

Sim, são muito afectuosos com ele, preocupam-se com ele, mas em termos de prática motora... não é possível. Não é possível na sala de aula.

10. Há cooperação / trabalho de equipa entre professores no que se refere à problemática deste aluno?

Não. A cooperação existe, sim, com os professores que estão a acompanhá-lo... o que eu estava a dizer não era em relação à prática motora, aí não existe neste momento... a situação da estagiária que esteve cá era positiva. Penso que se continuar, melhor, mas era a única solução que ele tinha e teve durante um período muito curto.

11. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?

... a nível cognitivo, é um aluno que não apresenta dificuldades e viu-se pelo teste que foi excelente, 95%, ... a nível motor, se não tiver um acompanhamento imediato, não é, desde já, está a regredir, segundo informações que eu tenho, está a regredir em relação ao ano anterior e assim vai continuar, portanto não é admissível...

12. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

Principalmente os recursos humanos que é o que valha mais, neste momento. São os cortes que estão a ser feito em termos de recursos humanos, que eles não têm quem os possa acompanhar e trabalhar com eles... pessoas com formação para isso... é o que faz falta neste momento, principalmente.

Apêndice 6

Entrevista à professora de educação especial_1: guião e protocolo

Guião de Entrevista

Objectivos:

- h) Identificar quais as principais dificuldades sentidas pelo aluno em contexto escolar.
- i) Identificar aspectos que os professores consideram importantes para a inclusão de alunos com NEE ao nível da organização da escola, do processo ensino - aprendizagem, de apoios e de recursos.
- j) Perceber quais as soluções encontradas, pelos professores, para a resolução das suas problemáticas.
- k) Assinalar que estratégias são utilizadas para a integração deste aluno na turma/escola.
- l) Analisar as atitudes dos docentes face à inclusão deste aluno na sala de aula.
- m) Perceber a importância dada pelos professores ao trabalho de equipa / parcerias no trabalho desenvolvido com alunos com NEE.
- n) Identificar atitudes e conceitos dos colegas da turma relativamente ao aluno em estudo.

Questão global inicial:

Numa escola cada vez mais heterogénea torna-se necessário estar atento às singularidades de cada um dos alunos que a constituem. Essa diferença enriquece a cultura escolar, mas também pode, por vezes, surgir como uma problemática que afecta tanto alunos como professores. É cada vez mais frequente encontrar alunos com NEE integrados numa escola do ensino regular. O presente trabalho pretende perceber de que forma estes alunos estão (ou não) integrados nas escolas que frequentam e o que poderá ser feito (e de que forma fazê-lo) para desenvolver competências motoras e de aceitação inclusiva de alunos com algum tipo de problemática, neste caso, com paralisia cerebral / problemas motores em contexto de 2º ciclo.

Entrevistados:

Docente de educação especial do aluno em estudo.

Questões:

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?
2. Que estratégias são utilizadas por si para superar essas dificuldades?
3. Que apoios tem este aluno?
4. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?
5. Como articula o trabalho aí desenvolvido com o desenvolvido na sala de aula?
6. Sente que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma? Há a preocupação da restante turma em cooperar com ele? De que forma?
7. Considera benéfico o trabalho realizado em cooperação com o professor de apoio? Quais as vantagens/desvantagens?
8. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?
9. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

Questões:

(final da investigação)

1. Na sua opinião, o trabalho desenvolvido, ao longo deste ano, foi benéfico para o desenvolvimento do aluno? Em que aspectos?
2. Se considera que ocorreram alterações no desempenho do aluno como se verificam elas na sua disciplina?
3. Considera que essas alterações influenciaram a integração do aluno na turma?
4. O comportamento dos restantes colegas alterou-se em relação ao aluno em causa? De que forma?

Docente de educação especial_1

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?

Eu acho que o R. é uma criança, um jovem com muitas potencialidades, a nível cognitivo, com muitos problemas a nível motor e a nível mais pessoal acho que é uma criança que ainda não se consegue responsabilizar... pelas tarefas que deve fazer.

2. Que estratégias são utilizadas por si para superar essas dificuldades?

As estratégias que nós utilizamos na sala, tentamos... com duas vertentes: a primeira ao nível mais cognitivo, ao nível das aprendizagens tentamos que ele desenvolva a leitura que este ano está, que ele regrediu relativamente ao ano anterior, pelo menos por aquilo que nós nos fomos apercebendo. Por outro lado, tentamos que ele desenvolva a capacidade de utilizar o Grid. Que lhe permitirá depois a... que lhe permitirá acompanhar a escolaridade no futuro. No futuro e actualmente.

3. Que apoios tem este aluno?

Aqui na unidade ele tem duas horas de apoio por semana, em que é retirado da sala de aula, e tentamos realmente fazer isso, por um lado estimulá-lo para a leitura, por outro a utilização do Grid e quando há tempo tentar também acompanhar um pouco o aluno nas aprendizagens. Na elaboração de textos também. É muito pouco, estás a ver.

4. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?

A sala de apoio é o local menos indicado para o desenvolvimento do trabalho com este aluno, porque há outros meninos que têm outras problemáticas muito diferentes das deles e que portanto prejudicam imenso o trabalho que é feito na sala. Os meninos choram, outros ...é horrível, de vez em quando... tu não consegues mesmo trabalhar com o R.

5. Como articula o trabalho aí desenvolvido com o desenvolvido na sala de aula?

Articulamos muito mal, acho eu. Porque nós não temos tempo para sair daqui, nós não temos tempo para falar com os professores. Neste momento consideramos que era importante ou conseguirmos que uma das funcionárias que deveria estar aqui na sala que o acompanhe e há uma maior articulação de facto. Mas, anteriormente... Mesmo aqui entre nós, professoras de educação especial e os professores não há uma articulação, ou há uma articulação muito pequena, porque só nos encontramos nas reuniões.

6. Sente que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma? Há a preocupação da restante turma em cooperar com ele? De que forma?

Eu acho que é muito bem aceite. Não tenho nada palpável que eu possa provar isso, mas eu acho que é muito bem aceite, muito acarinhado. É considerado um aluno como os outros, há muitos colegas, uma vez que ele tem boas notas, muito boa memória, que responde nas aulas com muita correcção ao que os professores perguntam e eu acho que eles consideram que o R. é um menino como eles ou melhor do que eles. É tratado como um deles, creio que eles não distinguem entre o R. e qualquer um deles, outra criança da turma.

7. Considera benéfico o trabalho realizado em cooperação com o professor de apoio? Quais as vantagens/desvantagens?

8. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?

9. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

Apêndice 7

Entrevista ao director da escola: guião e protocolo

Guião de Entrevista

Objectivos:

- a) Conhecer a cultura organizacional e pedagógico da escola.
- b) Perceber quais as soluções encontradas, pelos escola, para a resolução das suas problemáticas.
- c) Identificar atitudes e práticas que fomentam a educação inclusiva.
- d) Perceber a importância do trabalho de equipa / parcerias no trabalho desenvolvido com alunos com NEE.

Questão global inicial:

Numa escola cada vez mais heterogénea torna-se necessário estar atento às singularidades de cada um dos alunos que a constituem. Essa diferença enriquece a cultura escolar, mas também pode, por vezes, surgir como uma problemática que afecta tanto alunos como professores. É cada vez mais frequente encontrar alunos com NEE integrados numa escola do ensino regular. O presente trabalho pretende perceber de que forma estes alunos estão (ou não) integrados nas escolas que frequentam e o que poderá ser feito (e de que forma fazê-lo) para desenvolver competências motoras e de aceitação inclusiva de alunos com algum tipo de problemática, neste caso, com paralisia cerebral / problemas motores em contexto de 2º ciclo.

Entrevistados:

Director do Agrupamento de Escolas frequentado pelo aluno em estudo.

Questões ao Director da Escola:

(início da investigação)

1. Considera que a sua escola tem as estruturas necessárias para receber um aluno com este tipo de problemática?
2. Que medidas específicas foram tomadas, no âmbito do funcionamento da escola, para receber este tipo de alunos?

3. Como vê a relação que se estabelece entre os vários professores e o aluno em questão?
4. Há reuniões interdisciplinares com os profissionais que estão envolvidos com a criança?
5. Sente que há cooperação / trabalho de equipa entre professores no que se refere à problemática deste aluno?
6. A integração deste aluno na comunidade escolar tem sido fácil? Se não, qual a razão para tal?
7. Que outros serviços trabalham com a escola?

Entrevista ao director de turma

(início da investigação)

1. Como caracteriza este seu aluno?

É um aluno... é um aluno simpático, com muita necessidade e vontade de comunicar. Gosta de aprender, mas que tem problemas motores a nível de... incapacidade motora. Tem uma paralisia cerebral.

2. Que tipos de apoio tem este aluno?

Tem o apoio do ensino educativo, da sala de apoio, da sala de multifuncionários, mas que falta-lhes alguns apoios a nível motor, que precisava de trabalhar muito mais o seu corpo para conseguir ultrapassar determinadas dificuldades de movimentos dos seus músculos, do seu corpo.

3. Considera que a sala de apoio é o local mais indicado para desenvolver o trabalho com este aluno?

Uma parte sim, uma parte também na sala de aula com os restantes alunos que não têm este tipo de deficiências e também, se calhar, num espaço mais amplo onde pudesse estar a desenvolver a parte motora, parte física, para ter ainda um espaço mais amplo.

4. Que medidas foram tomadas para que a integração deste aluno numa turma do ensino regular fosse possível?

Por exemplo, a utilização do elevador para chegar à sala de aula, isso é uma medida. Outra medida tentar que o aluno se sentisse o melhor possível dentro da sala de aula e que portanto, que foi colocado à frente. Geralmente está sempre à frente. A mesa adaptada, também, às suas características. O aluno também, a turma em si, aceitou bem, gosta do aluno. Os professores também tentaram desenvolver sempre, ou tentam sempre desenvolver, adaptando sempre os trabalhos às suas características como aluno. Damos sempre os mesmos conteúdos, ele assimila os mesmos conteúdos, ele tem a capacidade de perceber e assimilar os conteúdos que lhe são dados para o nível de ensino em que ele está inserido, mas, claro, há adaptações que são feitas para a especificidade das suas limitações físicas.

5. A integração deste aluno na comunidade escolar tem sido fácil? Se não, qual a razão para tal. Se sim, pode dar alguns exemplos de alguma situação em que isso se tenha verificado?

Eu penso que a integração tem sido fácil, também o trabalho com a escola anterior, portanto o aluno já conhecia alguns alunos que estavam na sua turma e era bem aceite. E os alunos também eram participativos e tentam sempre ajudar o aluno, como por exemplo, levá-lo ao elevador, estão disponíveis, ou se ele precisa de papel, ou de afiar o lápis, ou de material que não esteja ao alcance imediato dele eles tentam sempre ajudar o aluno, isso é verdade.

6. Considera que este aluno é bem aceite pelos colegas de turma / escola?

Considero, da turma considero. Da escola, portanto, eu não tenho muito conhecimento, mas da turma considero e é um elemento que os colegas da turma gostam. Conhecem-no já há algum tempo, não é só deste ano, já o conhecem de anos anteriores, uma parte, e gostam dele e gostam dos comentários que ele faz... acho que está bem inserido.

7. Sente que há cooperação / trabalho de equipa entre os professores desta turma no que se refere à problemática deste aluno?

Há, há algum trabalho de equipa, sim. Principalmente entre os professores de apoio e os apoios de cada disciplina acho que há, acho, não, há uma comunicação... há um entendimento. E em relação aos professores do conselho de turma, da turma, acho que também falamos sobre o aluno e tentamos melhorar a sua participação e a sua aquisição de conhecimentos que têm estado a desenvolver-se ao longo do ano lectivo.

8. Há reuniões interdisciplinares com os profissionais que estão envolvidos com o aluno?

Há, quando é necessário, sim. E com os professores que estão na sala de apoio também. Sim, sim. Quer dizer os professores da sala de apoio e os professores de conselho de turma nas reuniões intercalares e nas reuniões de final de período estão todos presentes sempre e há sempre um momento em

que se fala do aluno R. e geralmente, geralmente não, é sempre desenvolvido, é sempre mais um pouco do que um aluno... uma vez que há mais elementos, há mais professores envolvidos na sua, no seu processo escolar.

9. Quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deste aluno?

As minhas expectativas... eu acredito que este aluno vai continuar a estudar. E que se tiver oportunidade a nível da família e a nível da sociedade que vai continuar a desenvolver e a adquirir conhecimentos. Portanto é um aluno que eu acho que... não me espantaria que chegasse à faculdade, ao ensino superior. A nível físico, motor, acho que provavelmente, provavelmente não, na minha opinião precisa de um apoio maior e era muito bom para o seu percurso, para a sua vida, ter esse apoio para conseguir então melhores resultados a nível do ensino, do seu percurso escolar, porque o faria sentir-se melhor e mais facilidade, também, de escrever no computador, de comunicar os conhecimentos adquiridos

10. Que condições acha necessário uma escola ter para receber um aluno como este com NEE? E em termos de recursos o que será necessário ter?

É assim... eu acho que a escola em si, onde o aluno está inserido, tem condições, o que penso falta um pouco é o apoio ao nível motor, a nível de fisioterapia. O apoio do desenvolvimento do seu corpo, do seu bem-estar a nível físico.

Apêndice 8

Entrevista à assistente operacional: guião e protocolo

Guião de Entrevista

Objectivos:

- a) Identificar quais as principais dificuldades sentidas pelo aluno em contexto escolar.
- b) Assinalar que estratégias são utilizadas para a integração deste aluno na turma/escola.
- c) Analisar as atitudes dos auxiliares de educação educativa face à inclusão deste aluno em contexto escolar.
- d) Identificar atitudes e conceitos dos colegas da turma relativamente ao aluno em estudo.

Questão global inicial:

Numa escola cada vez mais heterogénea torna-se necessário estar atento às singularidades de cada um dos alunos que a constituem. Essa diferença enriquece a cultura escolar, mas também pode, por vezes, surgir como uma problemática que afecta tanto alunos como professores. É cada vez mais frequente encontrar alunos com NEE integrados numa escola do ensino regular. O presente trabalho pretende perceber de que forma estes alunos estão (ou não) integrados nas escolas que frequentam e o que poderá ser feito (e de que forma fazê-lo) para desenvolver competências motoras e de aceitação inclusiva de alunos com algum tipo de problemática, neste caso, com paralisia cerebral / problemas motores em contexto de 2º ciclo.

Entrevistados:

Auxiliar da acção educativa que acompanha o aluno em estudo.

1. Há quanto tempo trabalha com crianças com necessidades educativas especiais?
2. Tem formação nesta área?
3. Há quanto tempo acompanha esta criança?
4. Ela participa nas actividades com os seus colegas? Em que contexto?
5. No recreio esta criança tem contacto com os colegas ou fica isolada?

6. Os colegas têm a preocupação de vir ter com ela? De brincar com este colega?
7. Acompanha esta criança nas refeições? Onde é que o aluno almoça? Junto dos colegas?
8. Sente que os colegas se preocupam com ele? Ajudam quando é preciso alguma coisa?
9. Este aluno tem algum colega especial aqui na escola? Que se preocupe com ele?

Entrevista à Assistente Operacional

1. Há quanto tempo trabalha com crianças com necessidades educativas especiais?

Eu trabalho há cerca de um ano e meio com crianças com NEE.

2. Tem formação nesta área?

Não. Na área do ensino especial, não, mas gostaria de ter. Só que a nível económico, de momento é impossível.

3. Há quanto tempo acompanha esta criança?

Esta criança eu acompanho há cerca de um ano, um ano e meio.

4. Ela participa nas actividades com os seus colegas? Em que contexto?

Ele participa nas actividades com os colegas... sim, parcialmente, porque... tenta acompanhá-los quer nas visitas, quer a nível de turma, ele acompanha... Mas depois tudo o que é a nível motor é que se torna mais... mais complicado, mas dentro do possível.

5. No recreio esta criança tem contacto com os colegas ou fica isolada?

Tem contacto com os colegas... tem contacto com os colegas. Esta criança fica... tem momentos em que fica um pouco isolado, quando os colegas saem para ir jogar à bola ou querem brincar, ou assim,, mas é uma criança que requer muita atenção e que chama pelos colegas para eles virem brincar com ele.

6. Os colegas têm a preocupação de vir ter com ela? De brincar com este colega?

Sim, há ali um grupo, um certo grupo de que sim, que se preocupa com o R.

7. Acompanha esta criança nas refeições? Onde é que o aluno almoça? Junto dos colegas?

Esta criança almoça no refeitório... Tem de ter sempre a companhia de um adulto à refeição e sempre que é possível almoço junto dos colegas.

8. Sente que os colegas se preocupam com ele? Ajudam quando é preciso alguma coisa?

Sim, quando é principalmente solicitado aos colegas, há ali, como já disse, um grupinho deles que tenta sempre ajudar e estar presente quando é possível.

9. Este aluno tem algum colega especial aqui na escola? Que se preocupe com ele?

Sim, tem um colega que se preocupa com ele, que é o grande amigo dele. Está sempre com ele, no recreio, na hora do almoço, em vir trazê-lo à sala, em esperar que ele sai para depois acompanhá-lo à sala de aula. Está sempre presente, sim.

Apêndice 9

Entrevista ao aluno: guião e protocolo

Objectivos da entrevista

- a) Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- b) Recolher informação para fazer o levantamento das barreiras à mobilidade do entrevistado.
- c) Recolher informação para identificar as adaptações/ajudas técnicas usadas pelo entrevistado.
- d) Recolher informação sobre a inclusão do entrevistado em contexto sala de aula.
- e) Recolher informação sobre a inclusão do entrevistado na comunidade.

Entrevistadora (M. T.) – Sou Professora de 1º Ciclo, Licenciada em Educação Física e desde o início do ano de 2009 que estou a leccionar como Professora de Educação Especial, daí surgir a necessidade de fazer formação na Área da Educação Especial para melhor avaliar e responder às necessidades específicas dos nossos alunos

Em Setembro de 2009 iniciei o Mestrado em Educação Especial e, estamos agora a iniciar o Projecto Final de Investigação-Acção.

Sendo tu, um aluno com Necessidades Educativas Especiais (Problemas Motores), gostaria que me respondesses a umas perguntas desta entrevista.

Esta entrevista não demora mais de 20 minutos e são perguntas simples, com o objectivo de nos ajudares a identificar algumas barreiras à tua inclusão na escola regular de 2ºciclo e quais as dificuldades e limitações que mais sentes.

Importaste que eu grave esta entrevista? **Aluno (R. S.)** – Sim, pode gravar.

M.T. - Vamos então começar. Diz-me por favor quantos anos tens?

R. S. - Tenho 12 anos.

M.T. - Como é constituído o teu agregado familiar?

R.S. - Mãe, pai e mais três irmãos e eu.

M.T. - A tua casa está adaptada às tuas dificuldades motoras?

R.S. – Não, a minha casa não está adaptada.

M.T. - Que ano de escolaridade frequentas?

R.S. – O 6º ano.

M.T. - Que transportes usas na tua deslocação para a escola?

R.S. – De manhã os meus pais levam-me a pé e à tarde vou na carrinha da Câmara.

M.T. - Esses transportes são adaptados?

R.S. – Sim, mas por vezes as adaptações não funcionam.

M.T. - Na escola existem barreiras à tua mobilidade? Se sim, que barreiras?

R.S. – Existiam, no primeiro período, eu não tinha auxiliar para me ajudar na alimentação e higiene, e o elevador não funcionava. Mas agora já tenho auxiliar e o elevador já funciona.

M.T. - Na sala de aula existem adaptações no mobiliário que facilitam a tua participação?

R.S. – Sim existem.

M.T. - Que adaptações?

R.S. – Uma mesa recortada e a cadeira.

M.T. - Tens ajudas técnicas na sala de aula?

R.S. – Sim, em algumas aulas.

M.T. – Quais são?

R.S. – O computador com programa Grid, o retroprojector e o quadro interactivo.

M.T. - Precisas da ajuda de alguém nas aulas?

R.S. – Sim.

M.T. - Quem te ajuda?

R.S. – Os meus colegas da turma e a minha auxiliar.

M.T. – Quais as adaptações que são feitas nas diferentes disciplinas que facilitam a tua participação?

R.S. – Testes adaptados no computador e testes orais.

M.T. - Em todas as disciplinas?

R.S. – Em algumas disciplinas.

M.T. - Em que disciplinas tens mais dificuldade em participar? Porquê?

R.S. – Em educação física, educação visual/tecnológica e em educação musical, porque são mais práticas em que eu não consigo participar sozinho.

M.T. - Que tipo de apoio de educação especial beneficias?

R.S. – Da professora de educação especial e da auxiliar que me ajudam a fazer todas as coisas do dia-a-dia na escola e põem-me no Standing-frame.

M.T. - E fora da escola, tens algum apoio? Qual?

R.S. – Sim, tinha fisioterapia duas vezes por semana mas este ano não vou porque tinha que faltar a algumas aulas para poder ir.

M.T. - Sentes, que era importante teres outro tipo de apoios? Quais?

R.S. – Sim, queria ter alguém que me ajudasse mais nas aulas de educação física, educação visual/tecnológica e educação musical, e que estas aulas fossem adaptadas para mim. Gostaria de ter fisioterapia na escola para não ter que faltar às aulas e ter também um computador adaptado em casa para eu poder trabalhar.

M.T. - Na tua opinião, as pessoas aceitam bem indivíduos com problemas semelhantes ao teu?

R.S. – Sim. Mas algumas ainda olham com pena e outras nem sequer olham para mim.

M.T. – Obrigada por teres respondido às perguntas da entrevista.

Apêndice 10

Segunda entrevista à directora de turma: protocolo

Entrevista à directora de turma

(final da intervenção)

1. Na sua opinião, o trabalho desenvolvido, ao longo deste ano, foi benéfico para o desenvolvimento do aluno? Em que aspectos?

Sim...sem dúvida foi muito benéfico. Sobretudo noto que ele consegue segurar melhor os materiais que lhe damos para as mãos...está mais controlado nos movimentos...naqueles que ele não conseguia controlar, principalmente a nível dos braços e mãos.

E os meus colegas acham muita graça por ele já por o dedo no ar para responder....é que ele antes termia muito o braço e a cabeça...e até para ir à casa de banho coloca o dedo no ar e diz: “STORA” posso ir à casa de banho? E pelo que me diz a funcionária e professora de apoio, ele já vai à casa de banho a tempo. Já deixou de usar fraldas na escola.

2. Considera que essas alterações influenciam a Inclusão do aluno na turma?

Sem dúvida...participa mais nas actividades, estou a pensar na minha disciplina (Educação Visual) Já é capaz com algumas adaptações e ajuda de realizar algumas actividades dos colegas e noto que ele segura mais tempo os materiais na mão...não os atira tanto ao ar e ao chão!

O que eu acho também muito importante é o facto dele poder acompanhar os colegas nas visitas de estudo...pois se já não usa fraldas, está muito mais liberto, sente-se muito melhor, está mais feliz...

3. O comportamento dos restantes colegas alterou-se em relação ao aluno em causa? De que forma?

Os colegas incentivaram-no muito...acham muita graça por ele por o dedo no ar, já não usar fraldas...bem, mas a maior euforia foi quando a colega entrou com ele na minha aula, no Standing...é assim que se diz colega, não é?... Foram tantos os comentários e admiração...que um colega da sala disse: tas tão grande Robert...não pensávamos que eras tão alto! Todos os seus colegas querem trabalhar com ele e estão sempre dispostos a ajuda-lo...o que por vezes provoca alguma confusão na sala...mas é com boa intenção...até

porque a turma é muito numerosa e pouco disciplinada...e para o Roberto era mais benéfico não ter tantos NEEs nesta turma e um menor número de colegas. Poderíamos dar-lhe mais atenção, ajuda-lo mais respondendo às suas necessidades.

Mas, colega este não me parece ser o problema, porque os colegas está tudo bem...agora estamos todos com receio que ele possa regredir porque...já se sabe...como me disse...ele vai deixar de ter este apoio, a nível motor...e depois como vai ser? Quem virá dar continuidade?...ele precisa muito!

Apêndice 11

Segunda entrevista à professora de educação especial_1: protocolo

Entrevista à docente de educação especial_1

(final da Intervenção)

1. Na sua opinião, o trabalho desenvolvido, ao longo deste ano, foi benéfico para o desenvolvimento do aluno? Em que aspectos?

Foi bastante benéfico...até porque ele foi integrado nesta sala (Multideficiência) para poder beneficiar da reabilitação motora e por questões financeiras perdemos as parecerias, a LIGA, que era quem assegurava as terapias no ano passado. Como vê, se não fosses tu o Roberto não tinha intervenção nesta área, que a meu ver, é o que ele mais necessita de trabalhar e desenvolver...

2. Acha que a reabilitação motora ou esta intervenção melhorou a prestação do aluno nas actividades desenvolvidas na turma?

Sim...pelo que me tem dito os colegas nas reuniões...e em conversas que temos, o Roberto desenvolveu mais competências, está mais calmo...mais controlado...participa mais nas actividades desenvolvidas nas aulas de EV e já participa em algumas actividades na aula de EDF. Mas a meu ver...o mais importante foi, ele ter deixado definitivamente as fraldas aqui na escola...foi notória a felicidade do Roberto em usar “cuecas”...só é pena ele em casa ter de usar fraldas porque a sua casa de banho não é adaptada...igual à da escola.

3. Considera que essas alterações influenciaram a inclusão do aluno na turma?

Claro que influenciaram...ele já estava bem incluído...mas agora participa mais nas actividades...nas visitas de estudo...passa mais tempo nas aulas e com os colegas...

4. O comportamento dos restantes colegas alterou-se em relação ao aluno em causa? De que forma?

Não...os colegas continuam a gostar do Roberto...de estar com o Roberto...até quando o Roberto está aqui na Unidade porque não houve aula...ou está a trabalhar...vêm aqui busca-lo...perguntam se podem ficar com ele...ou se o podem levar para o recreio...e esses que aqui vem...como tu por vezes vês...ficam muito admirados por o verem a fazer certos exercícios...e acham muita piada quando ele está no Standing-frame...põem-se ao lado dele a ver quem é mais alto!

Apêndice 12

Segunda entrevista ao professor de educação física: protocolo

Entrevista ao Professor de Educação Física

(final da Intervenção)

1. Na sua opinião, o trabalho desenvolvido, ao longo deste ano, foi benéfico para o desenvolvimento do aluno? Em que aspectos?

Sim...foi muito benéfico...em todos os aspectos...principalmente no desenvolvimento motor do Roberto e na sua participação em algumas actividades...o que para mim, antes de ter a ajuda da colega me parecia impossível...mas afinal se adaptarmos um pouco as actividades às características dos alunos com algumas limitações como é o caso do Roberto, é possível estes participarem em algumas actividades...mas o mais importante e gratificante é ver a felicidade e alegria do Roberto em poder participar em algumas actividades...

2. Se considera que ocorreram alterações no desempenho do aluno, como se verificam elas na sua disciplina?

O Roberto sempre manifestou muita vontade em participar na minha aula...mas com a falta de recursos humanos não era possível ele participar, pensava eu (risos). Com a ajuda da colega foi possível adaptar um pouco o programa e as aulas às dificuldades motoras do Roberto. Daí a importância de ter alguém a acompanhar sempre o Roberto nas minhas aulas, o que por vezes continua a não ser possível, como a colega sabe, os recursos humanos continuam a faltar...Agora, tento por o Roberto sempre que possível a trabalhar em grupo de dois ou três colegas...pequenos grupos...mas sempre com a minha supervisão ou da auxiliar que por vezes vem com o Roberto...quando pode...

Noto realmente, desde que a colega está a trabalhar individualmente com o aluno a sua parte motora, ele tem mostrado estar mais calmo e mais direito na cadeira...e agarra melhor nos materiais que lhe damos para as mãos...

3. Considera que essas alterações influenciaram a Inclusão do aluno na turma?

Na minha, sem dúvida...o Roberto antes, não participava em nenhuma actividade prática desenvolvida nas minhas aulas com a turma...e agora já participa...quando é possível, eu planifico e adapto algumas actividades onde o Roberto possa participar...o difícil é fazer os grupos...todos querem ficar no grupo do Roberto (risos)...

4. O comportamento dos restantes colegas alterou-se em relação ao aluno em causa? De que forma?

Sim...até porque anteriormente o Roberto como não fazia aula, passava um pouco despercebido, só um ou dois colegas é que iam ao pé dele brincar com ele ou dar-lhe uma bola ou outro material que estivéssemos a usar naquela aula...agora como já participa em algumas actividades todos os colegas jogam e brincam com ele com muita satisfação...e noto que ficam muito contentes em ver o Roberto a participar na aula...a maior parte das vezes, são eles que trazem o Roberto para aula...mas o mais engraçado é quando a equipa do Roberto tem que vestir colete...são os miúdos que lhe vestem o colete...por vezes gera alguma desordem na aula...mas vale a pena ver a alegria do Roberto e de todos...

Apêndice 13

Segunda entrevista à professora de matemática: protocolo

Entrevista à professora de matemática

(final da intervenção)

1. Na sua opinião, o trabalho desenvolvido, ao longo deste ano, foi benéfico para o desenvolvimento do aluno? Em que aspectos?

Acho que sim...principalmente na capacidade motora do Roberto...pelo que diziam as colegas da Unidade, ele não tinha nenhum apoio a este nível...e pelo que se sabia este ano não iria haver técnico ou algum profissional que viesse fazer uma intervenção a nível de desenvolvimento do corpo do Roberto e dos outros alunos que estão na Unidade. Por isso este trabalho que você desenvolveu com o Roberto foi muito bom para ele...já que é o que lhe faz mais falta...trabalhar o seu corpo...Todos os colegas na reunião final do 2º período, referiram que o Roberto estava muito melhor...

2. Se considera que ocorreram alterações no desempenho do aluno, como se verificam elas na sua disciplina?

Sim...ocorreram alterações e muito boa a meu ver...como já referi, na outra pergunta...todos nós, professores da turma e não só...sentimos que o Roberto está mais calmo, não faz tanto aqueles movimentos descontrolados em que mandava tudo ao chão...já consegue pedir sempre para ir à casa de banho...põe o dedo no ar para responder...consegue agarrar melhor os materiais e por mais tempo...já não inclina tanto a cabeça para a frente...consegue estar mais descontraído...tudo isto foi falado e partilhado por todo nós...há...até já consegue bater as palmas (risos)...

3. Considera que essas alterações influenciaram a Inclusão do aluno na turma?

O Roberto, como já referi na primeira entrevista, está muito bem incluído na turma...os colegas gostam muito dele...por vezes até é motivo de maior agitação na sala...todos querem estar ao pé do Roberto e estão prontos a ajuda-lo...tive que ser eu na sala a colocar uma colega dele mais responsável perto dele para o ajudar e estarem mais atentos...porque o Roberto distrai-se

facilmente quando está junto de colegas mais desatentos...No entanto, pelo que foi dito em reuniões do 1º período, o Roberto não participava activamente com a restante turma nas disciplinas práticas e agora já participa...os meus colegas fazem adaptações na aula para ele poder participar em algumas actividades...

4. O comportamento dos restantes colegas alterou-se em relação ao aluno em causa? De que forma?

Não...não noto nada de diferente...os colegas continuam a gostar do Roberto da mesma maneira...é um aluno muito querido na escola...e eu penso que toda a gente gosta muito dele...até porque é um aluno com algum sentido de humor e gosta de comunicar com todos.

Apêndice 14

Segunda entrevista à mãe do aluno: protocolo

Entrevista à mãe do aluno
(final da intervenção)

1. Sentiu algumas alterações no comportamento do seu filho? Em que aspectos?

Sim...já não usa fralda na escola, só aqui em casa. Já não deixa cair tanto as coisas...consegue agarrar melhor no pão, bolachas, beber sumos com palha...não está tão desastrado, nem nervoso...consegue estar mais quieto durante mais tempo...e é mais fácil mudar-lhe a fralda...tem as pernas mais moles e abre-as melhor...e já não me dá com as mãos (risos).

2. **Sente que este tipo de apoio foi benéfico para o seu filho?**

Sim claro...é muito bom o meu filho ter este apoio na escola, tanto para ele como para nós...é que ele já está muito grande e pesado e custa-nos muito leva-lo à fisioterapia...era tudo a correr e acabava por estar lá muito pouco tempo.

3. **Qual a reacção do seu filho face a este apoio de que foi alvo?**

Ele agora está muito melhor...ele gosta muito de você...dizia que no início era muito difícil para ele fazer o que a professora fazia com ele...mas agora diz que já é mais fácil...e que faz tudo com você e ainda faz aquele aparelho de estar de pé que ele não gostava e gritava muito quando o punham lá...agora até vai para as aulas nele...Ele está muito contente por tudo e porque já joga nas aulas de educação física, até diz que vai ser treinador de futebol (risos).

4. **Considera que o seu filho deveria continuar a ser apoiado desta forma?**

Sim queria muito...mas que, a professora vai-se embora? Ele gosta muito de si...e a professora tem muita força e jeito para estar com ele (risos). É que para nós é muito mais fácil o Roberto ter este apoio na escola, e o tempo rende mais...e acaba por fazer mais coisas na escola.

Apêndice 15

Conteúdo da observação_1

Observação Naturalista do aluno na aula de Educação Física

A aula neste dia ia decorrer no campo exterior de futebol e tinha a duração de quarenta e cinco minutos. Por volta das duas horas e meia, já estava toda a turma do R. reunida no campo à espera do professor que tinha ido buscar o material. Passados cinco minutos, chegou o R. e Anaís (outra aluna da turma com Paralisia cerebral que se desloca também em cadeira de rodas) com a sua assistente operacional e outra aluna que costuma ir ajudar os alunos da Unidade nos seus tempos livres.

O R. logo que chegou junto do professor disse: boa tarde, prof. O professor respondeu ao mesmo tempo que lhe passava a mão pela cabeça. Perguntou também, o que iam fazer os seus colegas naquela aula e o professor disse que iam jogar futebol. Ficou muito agitado e ansioso, movendo os braços e mãos descoordenadamente, dizendo: fixe professor...e com alguma dificuldade, devido à excitação em que se encontrava juntou as duas mãos e colocou-as entre os joelhos, acção que faz sempre para bloquear/parar os movimentos involuntários e descoordenados dos braços e mãos.

O professor perguntou à assistente operacional se ia ficar com eles. Ela respondeu que não podia porque tinha que ir ajudar na Unidade devida à falta de uma colega sua. Então o professor disse-lhe para os deixar junto da linha lateral a meio do campo, e que eles iam ficar só a ver junto dos outros seis colegas que não iam fazer aula por falta de equipamento. Disse à assistente operacional que eles, como sempre não iam fazer aula, pois as suas aulas e o programa de Educação Física não se adequavam àqueles alunos. E disse também, que não podia deixar vinte e seis alunos para trabalhar com eles, já que para fazer algo, estes, necessitam sempre da ajuda de alguém.

Começou então a aula, fazendo dois grupos e deu uma bola a cada grupo. Mandou um grupo para um lado do campo e outro para o outro lado e mandou-os fazer passes entre eles como o jogo do “meinho”.

O R. observava os colegas com muita atenção, principalmente o grupo do seu melhor amigo Fábio, que se ia aproximando e jogando cada vez mais perto do R., para estes poderem falar com ele. Três das colegas que não faziam aula, metiam-se como Roberto, falando com ele, mas como estava mais atento ao jogo e aos colegas que estavam a jogar não lhe ligava muito. Quando

o seu colega Fábio falhava o passe, ele dizia: então Fábio vá lá, tira-lhe a bola e passa para mim... Sempre com o olhar no jogo e na bola, muito agitado e ansioso. Largava as mãos e logo começava a fazer movimentos descoordenados com os braços, inclinando também a cabeça à frente. Desta vez, para parar os movimentos involuntários agarrou-se junto aos joelhos às calças do fato de treino que trazia, puxando-as para cima.

Foi neste momento, que o seu colega Fábio veio junto dele e lhe deu uma bola dizendo: agarra a bola R. e guarda-a. Atitude que deixou o R. muito feliz e apesar da dificuldade em controlar os movimentos das mãos, conseguiu agarrar a bola com as duas e colocou-a no meio das suas coxas. Inclinava a cabeça para a frente e ia mexendo na bola. De vez em quando atirava-a para o chão e pedia a uma das colegas suas que não estava a fazer aula, para a apanhar e lha dar outra vez.

Quando o professor se aproximou dele, ele disse-lhe: prof, eu também queria jogar! O professor não respondeu, passando-lhe a mão pela cabeça ao mesmo tempo que apitava e mandava os dois grupos fazer jogo. O R. ficou ainda mais agitado deixando cair a bola para o chão, fazendo movimentos descoordenados com os braços e dizendo: fixe, jogo! Vá Fábio, marca golo... O Fábio ia olhando para ele e de vez em quando (quando passava perto dele) passava-lhe a mão pela cabeça. Ele ia repetindo: Fábio marca golo!

A colega que estava a seu lado, apanhou a bola e deu-lha novamente para as suas mãos, fazendo um grande esforço para controlar os movimentos dos braços e manter as mãos abertas para receber a bola. Continuava por instantes, a inclinar exageradamente a cabeça para a frente, mas logo a levantava para continuar a seguir muito atentamente o jogo dos seus colegas. Virava a cabeça para um lado e para o outro de acordo com a trajectória da bola.

De repente uma colega sua que também não fazia aula colocou-se à sua frente sem se aperceber que o R. estava a ver e seguir o jogo dos seus colegas. Logo o Roberto gritou: sai da minha frente que eu estou a ver o jogo, não vês!

Continuava a “gritar” pelo nome de alguns colegas quando marcavam golo, dizendo: boa, goooooo! Nestes momentos, quando os seus colegas marcavam golo, ele levantava descoordenadamente os braços, batendo com

eles nos apoios laterais de braços da cadeira, só parando quando conseguia juntar as duas mãos.

Quando o professor apitou para terminar a aula, o R. disse: Já prof! E o professor disse-lhe que já ia tocar e ainda tinham que arrumar o material. Foi neste momento, que a maior parte dos colegas da turma começaram a sair do campo, enquanto, o seu colega Fábio se aproximou dele e disse-lhe: R. dá-me a bola para a arrumar e irmos para a aula de Religião e Moral. O R. em vez de lha dar atirou-a para o chão uns dois metros à frente, rindo-se muito e dizendo: vai buscar! O Fábio foi apanha-la e arruma-la, indo logo de seguida buscar o R. para o levar para dentro, em direcção ao corredor que dava acesso às salas de aula, enquanto outra colega levava a colega Anaís.

O professor despediu-se deles passando-lhe a mão pela cabeça e agradeceu aos colegas que os levavam.

O R. disse. Adios proff...até à próxima...

Apêndice 16

Conteúdo da observação_2

Observação Naturalista do aluno em contexto de recreio

Pelas treze horas e trinta minutos, o aluno R, encontrava-se no refeitório da escola a terminar o almoço, que lhe era dado pela sua Assistente Operacional junto de alguns colegas da sua turma. Os seus colegas terminaram o almoço e foram para o recreio. O R. perguntou ao seu colega e melhor amigo Fábio, para onde ia, e ele disse-lhe que ia para o recreio. Logo, que o R. terminou o almoço pediu também, para ir para o recreio, campo exterior de futebol, para ver os seus colegas jogar. A Assistente Operacional levou o R. para o campo exterior de futebol e ajustou a cadeira (a pedido do R.), de modo a permitir uma melhor visão de todo o campo e do jogo que estava a decorrer no campo. Verificou os ajustes da cadeira (apertos de pernas e pés) e ajustou os apertos do colete, de maneira a que o R. não incline o tronco para a frente. Deixou-o lá, junto de uma das linhas laterais do campo e disse-lhe: - R., vou almoçar! Quando quiseres ir para dentro, pede a um colega teu para te levar. Ele respondeu: está bem.

Estava um pouco agitado, fazendo constantemente movimentos descoordenados e involuntários com os braços. Por vezes, só consegui parar estes movimentos quando juntava as duas mãos. Por vezes, também, inclinava demasiado a cabeça para a frente.

Seguia atentamente o jogo, nunca tirando os olhos da bola e quando um jogador marcava golo, ele gritava: goooooo! Ficando ainda mais agitado, agarrando-se às calças com alguma força puxando-as para cima, junto dos joelhos.

De vez em quando, outros alunos da escola, que também assistiam ao jogo, metiam-se com ele, perguntando-lhe se estava tudo bem (R., está tudo fixe?). Ele, muito contente e feliz, respondia que sim, continuando, muito entusiasmado a ver o jogo de futebol, seguindo a trajectória da bola e de todos os jogadores que estavam em campo. Passado algum tempo, um grupo de meninas passou à sua frente, ficando uma, a impedir a sua visão de jogo. De imediato, ele disse: saiam da minha frente se faz favor, que eu quero ver o jogo! A menina pediu desculpa e saiu da sua frente. Continuava muito entusiasmado e atento a ver o jogo e a festejar sempre os golos. Acto, que provocava nele, maior agitação e descoordenação dos movimentos dos

membros superiores, só conseguindo parar quando juntava as duas. O que não se verificava nos membros inferiores, porque estavam presos à cadeira.

Quando o jogo terminou, devido ao toque para a entrada, alguns alunos começaram a dirigir-se para o corredor que dá acesso às salas de aula, passando pelo Roberto e cumprimentando-o e alguns tentavam dar-lhe um aperto de mão. Com dificuldade em controlar os movimentos dos braços, o R. tentou dar a sua mão esquerda (mão em que parecia ter mais controlo). Apesar da dificuldade que sentia em executar tal acção, fazia-a com muito prazer e alegria com todos os que o abordavam. Outros alunos, apenas lhe diziam, olá R. e ele respondia sempre tentando ver quem eram (virando a cabeça para o lado de onde vinha o olá).

De seguida, chega junto de si outro colega (não da sua turma) que fica a falar um pouco com ele, mexendo na sua cadeira. Pela forma que falavam, pareciam ser amigos. O colega disse que tinha que se ir embora, pois ia ter aula e assim se afastou. Ele tentou seguir o percurso que o colega fazia quando se afastava, virando a cabeça para um lado e para o outro, já que o apoio da cabeça que tem na sua cadeira lhe dificultava a visão para trás.

Logo de seguida, aproximaram-se do R., duas colegas (não da sua turma) que lhe perguntaram se ele estava ali sozinho e se não tinha aulas. Ele respondeu que o seu professor de Educação Física ia faltar e por isso não tinha aula. Estas ficaram à conversa com ele com risadas e brincadeiras pelo meio.

Antes de se afastarem, perguntaram-lhe, se ele queria ir para algum lado ou ficava ali sozinho. Ele respondeu que não, que preferia ficar ali, para poder ver jogar futebol outros colegas que chegassem. Nesse momento, chegou mais um grupo de alunos, que começaram a jogar futebol. O R. acompanhava com muito entusiasmo e agitação o novo grupo que estava a jogar. Cada vez que ele via a bola aproximar-se ou os jogadores dele, ficava ainda mais agitado, movimentando descoordenadamente os braços e agarrando as calças a nível dos joelhos puxando-as para cima, como forma de parar/bloquear os movimentos dos braços e mãos, inclinando por instantes a cabeça para a frente. Quando um jogador caiu à sua frente, ele disse-lhe: - então, levanta-te rápido, a bola está ali. E quando os jogadores diziam aneiras, ele ria-se muito.

Quando passava perto algum colega da sua turma, que ele visse, ele chamava-os pelo seu nome.

Já eram por volta das quinze horas (hora em que o R. ia ter aula) a sua Assistente Operacional veio buscá-lo para o levar para a sala de apoio. Ele disse: - que pena, já... Sim, a tua professora de Apoio disse para te levar para dentro, para ires trabalhar um pouco no computador, antes de ires para a aula de RMC. Ele respondeu, inclinando a cabeça para a frente: -ok está bem!

A Assistente Operacional inclinou um pouco a posição da cadeira a trás para esta ficar mais fácil de empurrar. A cadeira, parecia já não estar adaptada ao peso e tamanho do R., porque fazia muitos ruídos e estava torta para o lado direito. A Assistente Operacional parecia fazer algum esforço para o empurrar. Três colegas da sua turma foram com ele e com a Assistente Operacional.

Nesta observação, no recreio, deu para ver que o R. é bem aceite pelos seus pares, sente-se bem na escola e é um aluno muito comunicativo, bem-disposto e sociável...

Apêndice 17

Conteúdo da observação_3

Observação Naturalista do aluno na sala de Apoio Educativo (Unidade de Apoio à Multideficiência)

No dia vinte sete de Janeiro, de dois mil e onze, o R. saiu da aula de música às dez horas e trinta minutos e foi levado pela sua colega de carteira e outra colega da turma à sala/Unidade de Apoio à Multideficiência. Sala onde, este foi incluído este ano lectivo, no sentido de poder beneficiar dos apoios técnicos e recursos humanos que existiam nesta Unidade, mais propriamente da Fisioterapia (reabilitação motora). Já que no ano anterior, o R. na escola, não tinha direito a uma intervenção do fisioterapeuta, que frequentava a Unidade de Multideficiência, porque não fazia parte da mesma (informação dada nas entrevistas pelas professoras de educação especial e directora de turma). No entanto, o R. continua a não ter fisioterapia na escola, devido à falta de recursos financeiros e humanos (este ano ainda não veio nenhum técnico intervir na Unidade, informação retirada das entrevistas das professoras).

Quando as suas colegas o deixaram e saíram para irem para a aula de estudo acompanhado, os outros seis alunos do segundo e terceiro ciclos (dois rapazes e quatro raparigas) que fazem parte da Unidade estavam a fazer o lanche da manhã, que era dado pela professora da Unidade (naquele turno) e por uma assistente operacional.

A professora de apoio (a mesma da Unidade) disse para o R.: Olá R., bom dia! Hoje vai ser complicado para trabalharmos juntos (estava a faltar um assistente operacional e outra só entra às onze horas)! Mas vais para o computador (que tem instalado o seu programa de trabalho - GRID) escrever alguma coisa, sobre a visita de estudo que fizemos ontem. O R. respondeu: Está bem, mas antes posso fazer “chichi”? A sua Assistente Operacional (que colabora na Unidade nos tempos em que o R. está nas aulas) disse-lhe: Espera um pouco, estou a terminar de dar o logurte ao “Dico” e já te vamos por na sanita. Ele inclinou a cabeça para a frente e disse: Ok! Enquanto esperava, fazia alguns movimentos descoordenados dos braços (só parando quando juntava as duas mão de maneira a bloquear os movimentos involuntários dos mesmos) e inclinando constantemente deixando “cair” a cabeça para a frente. Este, perguntou também se podia comer e a Professora disse-lhe que sim mas só depois de fazer “chichi”.

Logo que terminaram de dar o “lanche” aos seus colegas da Unidade, a assistente operacional levou-o para a sala de banho adaptada às suas necessidades (que fica dentro da unidade), e pediu ajuda à professora para o colocar na sanita. A professora foi ajudar, deixando ficar por minutos, os outros 6 alunos sozinhos na sala por falta de recursos humanos (assistentes operacionais)! Desapertaram todas as fchas e colete que ajudam o R. a ter uma postura mais correcta e ajustada à cadeira e que evitam também, que este caia da mesma devido ao seu descontrolo motor. Colocaram-no na sanita adaptada, com barras de suporte lateral, base almofadada e com separador de pernas e colete de suporte/posicionamento correcto do tronco. O que não pareceu uma tarefa fácil devido ao seu tamanho e este fazer a adução das coxas e junção dos joelhos com alguma força (rigidez do tónus muscular). Logo que ficou bem posicionado e em segurança, mandou-as sair da sala de banho. Pedido que faz sempre, quando vai à sala de banho, porque se estiver alguém a ver fica nervoso e mais agitado, não conseguindo fazer (informação dada pela assistente operacional em conversa informal sobre o aluno).

O R. ficou na sala de banho, enquanto isso, a professora e assistente operacional foram para a sala junto dos outros alunos, mas antes disso disseram ao R.: quando terminares chama, ok! Ele disse: está bem! Já na sala/unidade, colocando um aluno no computador a ver e ouvir uma história/canção no computador (história em SPC), outras duas alunas a fazer posicionamento no Standing-frame, outro na cadeira de posicionamento correcto do tronco e apoio de pés. Ficando outra na sua cadeira de rodas junto à mesa a comer as suas bolachas e outra sentada aos saltinhos na bola de Fitte Ball.

Dava para ver, que estes alunos que fazem parte da Unidade, são totalmente dependentes dos adultos e apresentam graves problemas associados às suas problemáticas que são tão diferentes umas das outras.

Passados seis minutos, a assistente operacional, dirigiu-se à porta da casa de banho e perguntou ao R. se estava tudo bem e ele respondeu que sim. Já tinham passado dez minutos e o R. continuava na sala de banho. Foi passado, doze minutos que o R. chamou, dizendo: já está, podem vir. Foram as duas (a professora e assistente operacional) tirar o R. da sanita, colocando-o novamente na sua cadeira, apertaram as fchas das pernas e dos pés e o

colete do tronco. Apesar da dificuldade que sentia em controlar os seus movimentos e acções, o R. tentava sempre colaborar e fazer o que lhe era pedido para facilitar a sua colocação na cadeira. Usando sempre como estratégia, agarrar as suas mãos uma à outra e juntar o tronco aos joelhos. Acção, que ele fazia com mais facilidade devido à especificidade e características, que são típicas da sua problemática.

Lavaram-lhe as suas mãos e levaram-no para a sala junto dos outros alunos da unidade. Com isto tudo, já tinham passado vinte minutos da sua aula de apoio (aula de 45 minutos). A professora levou-o para a mesa recortada onde estava o computador que tinha instalado o programa que permite ao Roberto fazer comunicação escrita (escrever) e disse-lhe novamente, para escrever algo sobre a visita de estudo que tinha realizado no dia anterior. O Roberto trabalha no computador no software Grid, através da interface Switch unilateral de cabeça (lado esquerdo).

A professora abriu o software e respectiva pasta de trabalho (treino de escrita) no computador e disse ao R. para começar a escrever. Demonstrando alguma agitação e ansiedade, ele disse: mas professora, eu não sei escrever o nome do lugar! A professora disse-lhe para escrever o que sabia, e afastou-se dele, para ir tirar uma aluna do Standing-frame que estava a fazer posicionamento de pé e fazer treino de marcha com ela.

Outra aluna estava constantemente a “gritar” e fazer barulho (brincar) com um instrumento musical que gostava muito. O R. estava constantemente a olhar para o lado direito e a distrair-se com o aluno que estava a ver e ouvir a história/canção no outro computador que existia na sala, chegando mesmo a acompanhar a história, cantando. Inclina frequentemente a cabeça para a frente e outras vezes, tentava olhar para trás, para ver onde a professora estava. Movia constantemente os braços e mãos descoordenadamente, só parando, quando agarrava as duas mãos e as colocava debaixo da mesa entre os joelhos. Na maioria das vezes o computador fazia todo o varrimento do teclado no monitor, sem ele clicar (com a parte esquerda da testa) uma única vez na letra pretendida. Outras vezes, fazia este movimento bruscamente e já fora do tempo.

Passados dez minutos que estava ao computador, só ainda tinha escrito seis palavras, uma frase (Eu gostei de ir à kidzania.) e chamava a sua

professora para lhe perguntar se estava bem escrito o que tinha feito. Neste momento, onze horas e vinte, entrou na sala, outra assistente operacional que só entrava naquele horário.

Disse bom dia e o R. respondeu logo: bom dia Zulmira. Tentando mais uma vez olhar para trás, o que lhe era difícil por causa do apoio de cabeça e do Switch unilateral (interface). A professora ia rodando pela sala tentando dar atenção a todos os alunos.

Já eram onze horas e trinta minutos e o R. tinha que ir para a aula de área de projecto. A professora chegou junto do Roberto e disse-lhe: só isto R., uma frase! Ele inclinou a cabeça para a frente, fazendo um sorriso “malandro”. Desligou-lhe o cabo do Switch do computador e tirou o R. para a sua assistente operacional o levar à sala onde estava a decorrer a aula de área de projecto no terceiro piso da escola. Ele ia a sair com a assistente operacional, quando disse á sua professora: adeus professora Elisabete, até já! E saíram.

Deu para verificar, com esta observação e com as entrevistas realizadas às duas professoras de educação especial da Unidade, que esta sala/Unidade (de apoio para o R.), não é a mais apropriada para ele fazer este tipo de trabalho, que exige calma e concentração. O R. esteve completamente desatento, distraído e agitado, sendo tudo motivo de distracção e brincadeira naquela sala, não consegue realizar a actividade que lhe foi proposta.

Apêndice 18

Conteúdo da observação_4

Observação Naturalista do aluno em sala de aula (aula de matemática)

Eram por volta das catorze horas e trinta minutos, quando a professora de matemática começou a dar a aula de noventa minutos, na sala um, onde decorrem a maior parte das aulas “teóricas” da turma do R., porque é no piso um (rés do chão) e onde está a mesa recortada fixa ao chão com o computador fixo à mesa, devido aos movimentos involuntários e descoordenados do Roberto, que estava constantemente a derrubar o computador (monitor) para o chão. Dai, a necessidade de fixarem a mesa e o monitor do computador (informação fornecida em conversa informal, com a professora de matemática antes do início da aula).

O R. chegou passado dez minutos de a aula ter começado. Foi a sua assistente operacional que o trouxe. Esta pediu desculpa à professora pelo atraso, dizendo que o R. tinha estado na casa de banho.

No momento que entraram na sala, a professora estava a perguntar quem tinha feito os trabalhos de casa. Logo o R. respondeu em voz baixa e hesitante: eu não fiz professora! Enquanto a assistente operacional pedia à colega que ficava ao lado da mesa do R., se dava uma ajudinha. A colega levantou-se, afastou a sua cadeira e deixou passar a assistente operacional com o R. para a sua carteira/mesa (onde estava o computador com software e hardware adaptado) que ficava junto à porta do lado esquerdo. A assistente operacional colocou o R. na sua mesa ajustando a posição da cadeira à mesa e saiu da sala.

A sua colega da carteira/mesa ao lado tirou o livro de matemática da mala/pasta do R. e colocou-lha atrás da cadeira suspensa nesta. De seguida colocou o livro em cima da mesa do R., à sua frente. Este começou com muita dificuldade a tentar folhear o livro para o abrir na página que a professora referiu, devido aos movimentos involuntários e descoordenados dos seus braços e mãos, que constantemente batiam contra a sua mesa. Como ele não conseguia, a sua colega abriu-lho na página certa. Ele inclinava exageradamente a cabeça para a frente, para tentar ver e ler o que estava naquela página. Não conseguindo estar muito tempo naquela posição,

levantando a cabeça para trás, apoiando-a no apoio de cabeça, tentando seguir o que a professora escrevia no quadro.

A professora estava a terminar de escrever o sumário quando o R. disse para ela: grande sumário professora! Ela disse para o passarem para o caderno diário e o R. disse-lhe que não podia, porque o computador não estava a dar desde a aula de português. Então a professora disse-lhe: não te preocupes a Dayana (colega da mesa ao lado, responsável de o ajudar) passa-o numa folha para ti. Ele respondeu inclinando a cabeça novamente para a frente: está bem professora!

Enquanto a professora ia corrigindo exercícios no quadro, o R. ia mexendo no livro tentando mudar de página, até que o fechou e passou para baixo da mesa ficando em cima das suas coxas, tentando pô-lo novamente em cima da mesa. Mas como inclinava exageradamente a cabeça para a frente sobre a mesa, não conseguiu passar os braços e mãos com o livro para cima batendo com eles contra o tampo da parte de baixo da mesa.

A professora reparou na agitação em que ele estava e perguntou-lhe: R., o que se passa e onde está o teu livro? Ele não disse nada, olhando para debaixo da mesa onde estava o livro sobre as suas coxas. Então, a professora aproximou-se dele e tirou-lhe o livro e colocou-o novamente em cima da mesa, abrindo-o na página dos exercícios que estavam a corrigir no quadro. O R. continuou com as mãos juntas debaixo da mesa em cima das suas coxas de forma a bloquear os movimentos das mesmas, olhando atentamente para o quadro.

Quando a professora chamava a atenção de alguém que estava a perturbar a aula, ele virava logo a cabeça para o seu lado esquerdo para ver o que se passava na sala. Quando o barulho vinha de trás, este tentava olhar para trás, batendo com a cabeça (face esquerda) contra o apoio desta.

A professora enquanto resolvia os exercícios sobre fracções e divisão de números racionais no quadro ia perguntando o resultado. O R. em voz baixa segue os passos do exercício e resolve-o. Quando chega ao resultado responde de imediato à professora com alguma agitação e ansiedade. Quando responde certo, a professora diz-lhe: muito bem R.!

A professora continuava a chamar a atenção de dois colegas que constantemente estavam a perturbar o bom funcionamento da aula. Havia

outras duas alunas que mandavam calar esses dois colegas para poderem ouvir a professora. O R. ria-se das piadas que esses colegas diziam.

Continuava a inclinar a cabeça exageradamente para a frente sobre o livro, até que conseguiu passar novamente as mãos para cima da mesa agarrando no livro e fechando-o outra vez. A sua colega Dayana tirou-lho para o abrir novamente. Ele, a rir disse-lhe: deixa-me, chata! Como estava um pouco agitado a bater com as mãos contra a mesa, até que as juntou, a professora perguntou aos dois, se estava tudo bem. O R. inclinou a cabeça para a frente e para baixo no sentido de esconder o seu risinho, enquanto a sua colega Dayana, respondeu que sim, que só o estava a ajudar.

A professora continuava a resolver exercícios no quadro e o R. continuava a responder ao mesmo tempo que outros respondiam, até que a professora disse: meninos, quem quer responder põem o dedo no ar! Neste sentido, o R. tentava levantar o braço esquerdo e por no ar o dedo indicador, conseguindo mas com muita dificuldade em estabilizar o movimento e posição do mesmo, chegando mesmo a agarrar o cotovelo esquerdo com a mão direita para conseguir ficar uns segundos nesta posição.

Quando a professora resolvia e explicava um exercício mais complicado, ele disse: professora, não percebi! A professora foi junto dele, à sua mesa e explicou-lhe ao mesmo tempo que resolvia o exercício na folha em que a sua colega estava a passar-lhe os exercícios. Quando terminou, perguntou-lhe se tinha compreendido. O R. disse que sim, mas que era mais difícil porque já não conseguia resolver mentalmente. A Professora voltou para o quadro e propôs a resolução de uma situação problemática. O R. um pouco agitado e ansioso respondeu logo, mas errou. Quando a professora resolveu o exercício e chegou ao resultado, ele questionou-a, uma vez que continuava com dúvidas. Então a professora dirigiu-se novamente junto dele e explicou-lho, perguntando se percebeu. Ele respondeu que sim, continuando a olhar para o exercício que a professora lhe tinha resolvido na folha.

Continuava a inclinar exageradamente a cabeça para a frente sobre o livro, até que a professora lhe perguntou se via bem. Ele respondeu que sim, continuando com as mãos juntas debaixo da mesa, que por vezes batia contra o tampo, devido aos seus maneirismos, movimentos involuntários e estado de ansiedade constante. Quando não conseguia acompanhar o que a professora

estava a dar, pedia ajuda à sua colega Dayana que lhe mudava a folha da página quando era necessário ou quando este fechava o livro em tentativa de a mudar ele.

A professora mandou alguém ao quadro resolver um exercício. Ofereceu-se uma colega que estava na mesa por detrás do R. Foi então ao quadro resolver o exercício. O R. tentava acompanhar o exercício pelo livro, mas como não o tinha resolvido tentava ler o que a sua colega escrevia no quadro. Um pouco mais agitado e com a cabeça inclinada à frente a olhar para o quadro na tentativa de ver e acompanhar o exercício que a sua colega estava a resolver, mas como não conseguia, disse: professora, não consigo ver o que ela está a fazer! Então, a professora disse para ela escrever em tamanho maior. A colega apagou o que já tinha feito e fez novamente em tamanho maior. Quando terminou de resolver o exercício no quadro, perguntou ao R. se agora conseguia ver, e ele gesticulou com a cabeça para baixo e para cima fechando e abrindo os olhos, no sentido de dizer que sim.

A Professora continuava a chamar a atenção da turma para o barulho que estava na sala, principalmente aos dois elementos provocadores de tal desordem. O R. ia virando a cabeça (lado esquerdo) na direcção dos colegas a que a professora se referia, rindo-se ao mesmo tempo que gesticulava descoordenadamente os braços e mãos, só parando quando juntava as duas e as colocava debaixo da mesa entre as suas coxas.

Como o barulho continuava na sala de aula, a professora mandou o principal elemento perturbador para a rua. A Professora também saiu por momentos da sala de aula, para ir ter com a assistente operacional daquele piso e informa-la que aquele aluno tinha um trabalho para realizar fora da sala, já que estava a perturbar e impedir o bom funcionamento da aula.

Nesta ausência da professora na sala de aula, os alunos continuavam a resolver os exercícios do livro que a professora tinha indicado. O R. também resolvia os exercícios com a ajuda da sua colega Dayana, que lhe passava na folha de registo. Este continuava com as mãos debaixo da mesa, batendo com elas contra o tampo, na tentativa de as passar para cima para poder mexer no livro. Como não conseguia, pediu ajuda à Dayana.

A professora regressou à sala e perguntou à turma, se já tinham resolvido o exercício. O R. respondeu logo que sim, dizendo: nós já fizemos,

professora. Então, a professora mandou ao quadro, a sua colega Dayana resolver o exercício que tinham resolvido os dois. Este levantava e inclinava a cabeça à frente na direcção do quadro para seguir o que a sua colega estava a passar no quadro, comparando com o que tinham feito na sua folha e livro. Como tinha dificuldade em manter durante algum tempo a mesma posição e alternado, olhando para o quadro e para o livro. Apresentava constantemente uma instabilidade de movimentos na sua posição, bem como dificuldades em estabilizar e adquirir a posição correcta da cabeça e membros superiores, já que os membros inferiores estão presos e ajustados à cadeira.

Quando terminaram de resolver todos os exercícios daquela página do livro, a professora começou a dar outra matéria nova e disse para os alunos abrirem o livro noutra página e passarem para o caderno o que ela ia passar no quadro. O R. tentava mudar a página, mas como não o conseguia fazer de forma uniforme e tinha grande dificuldade em estabilizar os movimentos involuntários dos braços, a sua colega abria-lhe o livro na página correcta.

A professora ia passando no quadro a nova matéria, ao mesmo tempo que fazia perguntas à turma. O R. muito agitado e ansioso colocava o dedo indicador esquerdo no ar para poder responder à pergunta da professora. Acção que levava algum tempo a conseguir fazer, só conseguindo quando agarrava o cotovelo esquerdo com a mão direita e assim estabilizar os maneirismos/movimentos involuntários dos membros superiores. Dai ele, na maior parte das vezes responder sem colocar o dedo no ar. A professora olhou para ele e deixou-o responder.

Ele respondeu à professora e disse que já tinha dado aquela matéria no ano anterior (5º ano). A professora disse que sim, que era uma continuidade, mas agora mais complexa. Disse também, para os alunos resolverem os exercícios do livro naquela página e para o R. resolver continuar a resolver com a sua colega Dayana.

Por vezes, pedia à sua colega para lhe aproximar mais o livro, dando a sensação que tinha dificuldade em ver.

Faltavam vinte minutos para terminar a aula, quando entrou a professora de apoio (do turno da tarde da Unidade de Multideficiência) e pediu desculpa por interromper a aula, mas vinha buscar o R. porque o seu transporte (carrinha da câmara) tinha chegado mais cedo. A professora de matemática

disse que estava a dar uma matéria nova não tendo ainda terminado e que o R. assim ia perder uma parte, perguntando à professora de apoio, se não podia esperar mais dez minutos pelo menos. A professora de apoio respondeu, que a carrinha de transporte só podia vir àquela hora.

A colega Dayana arrumou as coisas do R., colocou-lhas na mala e levantou-se desviando e afastando a sua mesa para a professora de apoio passar com o R. Momento este, que provocou novamente alguma agitação na sala. O R. com um ar triste gesticulando descoordenadamente os seus braços mantendo as mãos juntas, disse para a professora de matemática e seus colegas: adeeeeeus até amanhã. Os seus colegas disseram: adeus Robert, e a sua professora disse-lhe também, até amanhã e para não se esquecer de estudar as regras daquela matéria que estavam naquela página. Já de costas para a professora de matemática junto à porta, tentava virar a cabeça para trás, batendo com a face esquerda contra o apoio de cabeça, disse: ok, professora.

Apêndice 19

Categorização das primeiras entrevistas

Caracterização da entrevista antes da intervenção

Caracterização do aluno	Directora de Turma	é um aluno simpático, com muita necessidade e vontade de comunicar.
	Professora de Matemática	O R. é um aluno inteligente, divertido e
	Professora de Educação Física	o R. é uma criança, um jovem com muitas potencialidades, a nível cognitivo
Dificuldades do aluno	Directora de Turma	Gosta de aprender, mas que tem problemas motores a nível de... incapacidade motora. Tem uma paralisia cerebral. É assim... eu acho que a escola em si, onde o aluno está inserido, tem condições, o que penso falta um pouco é o apoio ao nível motor, a nível de fisioterapia.
	Professora de Matemática	apesar da inteligência toda que tem ele está preso dentro do corpo dele. Ele é muito bom a matemática devido à sua enorme inteligência, mas depois apresenta muita dificuldade em formalizar, por exemplo ao nível da construção, quando temos de construir alguma coisa de triângulos ou quadriláteros, ele sabe como na hora, mas depois deixa de saber, porque nunca fez, nunca manipulou os materiais.
	Professor de Educação Física	mas que não participa nas aulas devido às limitações que tem. Não consegue participar, Em termos de compreensão o aluno compreende aquilo que lhe é dito, em termos motores tem muitas limitações... que são evidentes...
	Professora de Educação	muitos problemas a nível motor e a nível mais pessoal acho que é uma criança que ainda não se consegue responsabilizar... pelas tarefas que deve fazer.

	Especial_1	
	Professora de Educação Especial_2	É um aluno que apresenta um quadro motor com muitas limitações, limitações acentuadas, mas apenas a nível motor, porque nas restantes áreas, a nível cognitivo e tudo o resto é um aluno perfeitamente normal, como os outros.
	Auxiliar	tem momentos em que fica um pouco isolado, quando os colegas saem para ir jogar à bola ou querem brincar, ou assim,,, mas é uma criança que requer muita atenção e que chama pelos colegas para eles virem brincar com ele.
	Mãe do Aluno	O percurso escolar dele tem sido, é bom aluno na escola, tem bom aproveitamento e... só que tem muitas dificuldades motoras. As principais dificuldades na escola é... porque não tem fisioterapia e precisava de ter mais uma auxiliar só para ele. Para ele estar mais à vontade e sentir bem.
	Aluno	Em Educação Física, Educação Visual e Tecnológica e em Educação Musical. Aaaaaaaa, porque são mais práticas em que eu não consigo participar sozinho.
Dificuldades do Professor	Professora de Matemática	Não tive formação para apoiar este tipo de alunos, por isso faço intuitivamente aquilo que o melhor que sei para integrá-lo e para puxar por ele. Mas a dificuldade foi mesmo tentar perceber como é que podia ajudá-lo e integrá-lo e fazer com que ele fizesse parte do todo.
	Professora de Educação Física	eu não tenho tempo para poder acompanhá-lo, porque senão não posso acompanhar o resto da turma não consigo dar aula ao aluno porque tenho que me dedicar à restante turma, portanto não posso ter mais dificuldade do que isto...

		em termos de conhecimentos específicos para trabalhar com este aluno também não os possuo, não tenho formação nesta área.
Estratégias utilizadas	Director da Escola	“houve o cuidado de manter a turma o mais tempo possível numa determinada sala para a colocação daquilo que são os equipamentos específicos do R., para isso não andar de sala em sala”
	Directora de Turma	Por exemplo, a utilização do elevador para chegar à sala de aula, isso é uma medida. Outra medida tentar que o aluno se sentisse o melhor possível dentro da sala de aula e que portanto, que foi colocado à frente. Geralmente está sempre à frente. A mesa adaptada, também, às suas características. Os professores também tentaram desenvolver sempre, ou tentam sempre desenvolver, adaptando sempre os trabalhos às suas características como aluno. Damos sempre os mesmos conteúdos (...), mas há adaptações que são feitas para a especificidade das suas limitações físicas.
	Professora de Matemática	chamo-o a participar na aula bastantes vezes. quando ele solicita, tento dar apoio, embora não seja nada fácil nesta turma. participa em todas as actividades que consegue que não tenha a solicitação motora. Ir ao quadro não pode, mas eu solicito a participação dele e escrevo eu o que ele está a dizer
	Professora de Educação Física	Não tenho possibilidade de utilizar estratégias porque tenho que tomar conta de uma turma de 28 alunos, neste caso, menos dois, 26, e não tenho... não consigo, é-me impossível Tem objectivos diferentes que estão definidos. Não exponho a matéria de forma diferente, uma vez que não lhe dou aula efectivamente... não chego a expor os conteúdos, porque efectivamente não lhe dou aula, portanto não há

		exposição de conteúdos para o R. neste momento. Em termos teóricos há matéria que ele depois estuda individualmente e acompanhado aqui na sala e faz um teste teórico. Na parte teórica isso é feito.
	Professora de Educação Especial_1	a primeira ao nível mais cognitivo, ao nível das aprendizagens tentamos que ele desenvolva a leitura que este ano está, que ele regrediu relativamente ao ano anterior, pelo menos por aquilo que nós nos fomos apercebendo. Por outro lado, tentamos que ele desenvolva a capacidade de utilizar o Grid. Que lhe permitirá depois a... que lhe permitirá acompanhar a escolaridade no futuro. No futuro e actualmente.
	Professora de Educação Especial_2	A nível motor eu não intervenho. Nessa área para além de que ele apesar de pertencer à Unidade de Multideficiência, não é um aluno multideficiente e portanto ele passa a maioria do tempo passa-o na turma de referência, portanto não actuamos, não intervimos muito com ele a esse nível.
	Aluno	queria ter alguém que me ajudassem mais nas aulas de Educação Física, Educação Visual e Tecnológica e Educação Musical e que estas aulas fossem adaptadas para mim. Gostaria de ter fisioterapia na escola para não ter que faltar às aulas e ter um computador adaptado em casa para eu poder trabalhar em casa.
Relação com os colegas	Director da Escola	ele está integradíssimo. Por exemplo em situação de intervalo, os intervalos de manhã, os intervalos da hora do almoço, ele está no pátio e interage com os outros e os outros interagem com ele.
	Directora de Turma	a turma em si, aceitou bem, gosta do aluno. E os alunos também eram participativos e tentam sempre ajudar o aluno, como por exemplo, levá-lo ao elevador, estão disponíveis, ou se ele precisa de papel, ou de afiar o lápis, ou de material

		que não esteja ao alcance imediato dele eles tentam sempre ajudar o aluno, isso é verdade. acho que está bem inserido.
	Professora de Matemática	e muito bem integrado na turma. Sim, ele está muito bem integrado na turma. Eles gostam imenso dele. É uma guerra, por exemplo, quem é que pode... quem é que leva o R. para o recreio. É uma guerra para ver quem é que se senta ao lado do R. Todos querem Nota-se que eles gostam dele e que ele está integrado.
	Professor de Educação Física	Sim, são muito afectuosos com ele, preocupam-se com ele
	Professora de Educação Especial_1	Eu acho que é muito bem aceite. É tratado como um deles, creio que eles não distinguem entre o R. e qualquer um deles, outra criança da turma.
	Professora de Educação Especial_2	Ajudam, colaboram, preocupam-se se o R. falta, vão logo saber lá à sala se temos alguma novidade, se sabemos o que se passa. havia uma disputa muito grande até em termos de quem é que o ia ajudar com o computador... Então assim é mais fácil, são só elas, duas alunas extremamente responsáveis... não que os outros não o quisessem fazer, também queriam, mas isto acabava por ficar um bocadinho mais disperso.
	Auxiliar	Sim, há ali um grupo, um certo grupo de que sim, que se preocupa com o R.
	Mãe do Aluno	Gosta de estar na escola, gosta muito dos colegas e tem muitos amigos para brincar com ele. E sente-se bem lá na escola.

	Aluno	Sim, aaaaaaaaaaaaa mas algumas ainda olham com pena e outras nem sequer olham para mim.
Trabalho em Equipa	Director de Escola	mas depois há cooperação deste, dos professores de educação especial a desmontar aqueles receios, aqueles medos faz com que depois as coisas funcionem... funcionam bem. Funcionam bem.
	Directora de Turma	Há, há algum trabalho de equipa, sim. Principalmente entre os professores de apoio e os apoios de cada disciplina E em relação aos professores do conselho de turma, da turma, acho que também falamos sobre o aluno e tentamos melhorar a sua participação e a sua aquisição de conhecimentos que têm estado a desenvolver-se ao longo do ano lectivo.
	Professor de Matemática	Conversamos entre nós...Trabalho de equipa acaba por ser isso... Como uns fazem, como é que outros fazem, trocamos ideias, portanto, sim, acaba por haver uma ligação e todos ajudamos
	Professor Educação Física	A cooperação existe, sim, com os professores que estão a acompanhá-lo...
	Professora de educação especial_1	Articulamos muito mal, acho eu. Porque nós não temos tempo para sair daqui, nós não temos tempo para falar com os professores. Mesmo aqui entre nós, professoras de educação especial e os professores não há uma articulação, ou há uma articulação muito pequena, porque só nos encontramos nas reuniões.
	Professora de educação especial_2	Existe uma articulação com os professores das disciplinas que nos vão pondo a par da matéria que está a ser dada, o que é que ele precisa de ir estudando, a nível de trabalhos de casa, as datas dos testes que é para ele poder ser ajudado a ficar o melhor preparado possível.

Apêndice 20

Categorização das segundas entrevistas

Caracterização após a intervenção

Evoluções do aluno	Professor de Educação Física	Sim...foi muito benéfico...em todos os aspectos...principalmente no desenvolvimento motor do R. e na sua participação em algumas actividades...o que para mim, antes de ter a ajuda da colega me parecia impossível...mas afinal se adaptarmos um pouco as actividades às características dos alunos com algumas limitações como é o caso do R., é possível estes participarem em algumas actividades... Noto realmente, desde que a colega está a trabalhar individualmente com o aluno a sua parte motora, ele tem mostrado estar mais calmo e mais direito na cadeira...e agarra melhor nos materiais que lhe damos para as mãos...
	Professora de Matemática	Por isso este trabalho que você desenvolveu com o R. foi muito bom para ele...já que é o que lhe faz mais falta...trabalhar o seu corpo...Todos os colegas na reunião final do 2º período, referiram que o R. estava muito melhor...
	Professora de Educação Especial	Foi bastante benéfico...até porque ele foi integrado nesta sala (Multideficiência) para poder beneficiar da reabilitação motora e por questões financeiras perdemos as parecerias, a LIGA, que era quem assegurava as terapias no ano passado. Como vês, se não fosses tu o R. não tinha intervenção nesta área, que a meu ver, é o que ele mais necessita de trabalhar e desenvolver...
	Mãe do aluno	Sim...já não usa fralda na escola, só aqui em casa. Já não deixa cair tanto as coisas...consegue agarrar melhor no pão, bolachas, beber sumos com palha...não está

		tão desastrado, nem nervoso...consegue estar mais quieto durante mais tempo...e é mais fácil mudar-lhe a fralda...tem as pernas mais moles e abre-as melhor...e já não me dá com as mãos (risos).
Alterações	Professor de Educação Física	Na minha, sem dúvida...o R. antes, não participava em nenhuma actividade prática desenvolvida nas minhas aulas com a turma...e agora já participa...quando é possível, eu planifico e adapto algumas actividades onde o R. possa participar...
	Professora de Matemática	Acho que sim...principalmente na capacidade motora do R....pelo que diziam as colegas da Unidade, ele não tinha nenhum apoio a este nível...e pelo que se sabia este ano não iria haver técnico ou algum profissional que viesse fazer uma intervenção a nível de desenvolvimento do corpo do R. e dos outros alunos que estão na Unidade. Sim...ocorreram alterações e muito boa a meu ver... todos nós, professores da turma e não só...sentimos que o R. está mais calmo, não faz tanto aqueles movimentos descontrolados em que mandava tudo ao chão...já consegue pedir sempre para ir à casa de banho...põe o dedo no ar para responder...consegue agarrar melhor os materiais e por mais tempo...já não inclina tanto a cabeça para a frente...consegue estar mais descontraído...tudo isto foi falado e partilhado por todo nós...há...até já consegue bater as palmas (risos)...
	Professora Educação Especial_1	Sim...pelo que me tem dito os colegas nas reuniões...e em conversas que temos, o R. desenvolveu mais competências, está mais calmo...mais controlado...participa mais nas actividades desenvolvidas nas aulas de EV e já participa em algumas actividades na aula

		de EDF. Mas a meu ver...o mais importante foi, ele ter deixado definitivamente as fraldas aqui na escola...foi notória a felicidade do R. em usar “cuecas”...só é pena ele em casa ter de usar fraldas porque a sua casa de banho não é adaptada...igual à da escola.
	Directora de turma	Sem dúvida...participa mais nas actividades, estou a pensar na minha disciplina (Educação Visual) Já é capaz com algumas adaptações e ajuda de realizar algumas actividades dos colegas e noto que ele segura mais tempo os materiais na mão...não os atira tanto ao ar e ao chão! O que eu acho também muito importante é o facto dele poder acompanhar os colegas nas visitas de estudo...pois se já não usa fraldas, está muito mais liberto, sente-se muito melhor, está mais feliz...
Necessidades	Professor de Educação Física	O R. sempre manifestou muita vontade em participar na minha aula...mas com a falta de recursos humanos não era possível ele participar, pensava eu (risos). Com a ajuda da colega foi possível adaptar um pouco o programa e as aulas às dificuldades motoras do R. Dai a importância de ter alguém a acompanhar sempre o R. nas minhas aulas, o que por vezes continua a não ser possível, como a colega sabe, os recursos humanos continuam a faltar... Agora, tento por o R. sempre que possível a trabalhar em grupo de dois ou três colegas...pequenos grupos...mas sempre com a minha supervisão ou da auxiliar que por vezes vem com o R....quando pode...

	Professora Educação Especial_1	Mas, colega este não me parece ser o problema, porque os colegas está tudo bem...agora estamos todos com receio que ele possa regredir porque...já se sabe...como me disse...ele vai deixar de ter este apoio, a nível motor...e depois como vai ser? Quem virá dar continuidade?...ele precisa muito!
	Mãe do aluno	Sim claro...é muito bom o meu filho ter este apoio na escola, tanto para ele como para nós...é que ele já está muito grande e pesado e custa-nos muito leva-lo à fisioterapia...era tudo a correr e acabava por estar lá muito pouco tempo. Sim queria muito...mas que, a professora vai-se embora? Ele gosta muito de si...e a professora tem muita força e jeito para estar com ele (risos). É que para nós é muito mais fácil o R. ter este apoio na escola, e o tempo rende mais...e acaba por fazer mais coisas na escola.
Inclusão		
	Professora de Matemática	O R., como já referi na primeira entrevista, está muito bem incluído na turma...os colegas gostam muito dele...por vezes até é motivo de maior agitação na sala...todos querem estar ao pé do R. e estão prontos a ajuda-lo...tive que ser eu na sala a colocar uma colega dele mais responsável perto dele para o ajudar e estarem mais atentos...porque o R. distrai-se facilmente quando está junto de colegas mais desatentos...No entanto, pelo que foi dito em reuniões do 1º período, o R. não participava activamente com a restante turma nas disciplinas práticas e agora já participa...os meus colegas fazem adaptações

		na aula para ele poder participar em algumas actividades...
	Professor de Educação Física	o difícil é fazer os grupos...todos querem ficar no grupo do R. (risos)... Sim...até porque anteriormente o R. como não fazia aula, passava um pouco despercebido, só um ou dois colegas é que iam ao pé dele brincar com ele ou dar-lhe uma bola ou outro material que estivéssemos a usar naquela aula...agora como já participa em algumas actividades todos os colegas jogam e brincam com ele com muita satisfação...
	Directora de turma	Os colegas incentivaram-no muito...acham muita graça por ele por o dedo no ar, já não usar fraldas...bem, mas a maior euforia foi quando a colega entrou com ele na minha aula, no Standing...é assim que se diz colega, não é?... Foram tantos os comentários e admiração...que um colega da sala disse: tas tão grande R....não pensávamos que eras tão alto! Todos os seus colegas querem trabalhar com ele e estão sempre dispostos a ajuda-lo...o que por vezes provoca alguma confusão na sala...mas é com boa intenção...até porque a turma é muito numerosa e pouco disciplinada...e para o R. era mais benéfico não ter tantos NEEs nesta turma e um menor número de colegas. Poderíamos dar-lhe mais atenção, ajuda-lo mais respondendo às suas necessidades.
	Professora de Educação Especial_1	Claro que influenciaram...ele já estava bem incluído...mas agora participa mais nas actividades...nas visitas de estudo...passa mais tempo nas aulas e com os colegas...
	Professora de	Não...não noto nada de diferente...os colegas continuam a gostar do R. da mesma

Relação com os colegas	Matemática	maneira...é um aluno muito querido na escola...e eu penso que toda a gente gosta muito dele...até porque é um aluno com algum sentido de humor e gosta de comunicar com todos.
	Professora de Educação Física	noto que ficam muito contentes em ver o R. a participar na aula...a maior parte das vezes, são eles que trazem o R. para aula...mas o mais engraçado é quando a equipa do R. tem que vestir colete...são os miúdos que lhe vestem o colete...por vezes gera alguma desordem na aula...
	Professora de Educação especial_1	Não...os colegas continuam a gostar do R....de estar com o R....até quando o R. está aqui na Unidade porque não houve aula...ou está a trabalhar...vêm aqui busca-lo...perguntam se podem ficar com ele...ou se o podem levar para o recreio...e esses que aqui vem...como tu por vezes vês...ficam muito admirados por o verem a fazer certos exercícios...e acham muita piada quando ele está no Standing-frame...põem-se ao lado dele a ver quem é mais alto!
Aluno	Professor de Educação Física	mas o mais importante e gratificante é ver a felicidade e alegria do R. em poder participar em algumas actividades... O R. sempre manifestou muita vontade em participar na minha aula...mas com a falta de recursos humanos não era possível ele participar, pensava eu (risos). mas vale a pena ver a alegria do R. e de todos...
	Aluno	Ele agora está muito melhor...ele gosta muito de você...dizia que no início era muito difícil para ele fazer o que a professora fazia com ele...mas agora diz que já é mais fácil...e que

		faz tudo com você e ainda faz aquele aparelho de estar de pé que ele não gostava e gritava muito quando o punham lá...agora até vai para as aulas nele...Ele está muito contente por tudo e porque já joga nas aulas de educação física, até diz que vai ser treinador de futebol (risos).
--	--	--

Apêndice 21 – Aplicação do teste sociométrico

[illegible]

Mariana Teixeira – Setembro 2011 Página CV

Apêndice 21.2. – Matriz sociométrica – rejeitados / reciprocidade

Matriz Sociométrica - Rejeições na turma do aluno em estudo - Rejeições (reciprocidade)

Escolhas recebidas		A. F.	E. M.	F. F.	L. A.	R. M.	R. S.	R. G.	T. C.	V. C.	A. B.	A. M.	A. R. C.	A. M.	B. G.	C. C.	C. R.	D. C.	G. M.	I. S.	J. M.	L. F.	M. O.	M. C.	M. N.	R. D.	R. F.	S. P.	S. F.	N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
Escolhas dadas		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28		
A. F.	1		1	1				1																					3	2	
E. M.	2							1	1	1																			3	1	
F. F.	3		1	1		1																							3	2	
L. A.	4			1	1																			1					3	2	
R. M.	5			1				1																					3	3	
R. S.	6		1			1				1																			3	3	
R. G.	7		1																					1	1				3	2	
T. C.	8		1	1					1																				3	2	
V. C.	9		1	1	1																								3	1	
A. B.	10							1	1	1																			3	1	
A. M.	11			1	1	1																							3	1	
A. R. C.	12																												3	3	
A. M.	13																						1		1				3	1	
B. G.	14			1		1																							3	3	
C. C.	15			1				1																					3	3	
C. R.	16																												3	1	
D. C.	17			1																									3	3	
G. M.	18							1	1	1																			3	1	
I. S.	19			1					1	1																			3	2	
J. M.	20				1	1				1																			3	3	
L. F.	21							1		1																			3	2	
M. O.	22			1		1																							3	2	
M. C.	23					1	1	1																					3	1	
M. N.	24					1				1				1															3	3	
R. D.	25			1						1																			3	3	
R. F.	26					1	1																						3	2	
S. P.	27					1				1	1																		3	2	
S. F.	28					1					1																		3	3	
Totais em cada critério		0	0	0	9	2	0	0	0	1	7	6	2	9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Totais combinados		0	24	1	16	0	0	26	0	0	0	1	0	4	0	0	4	0	0	0	0	0	1	4	0	2	0	1	0	84	
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado		0	15	1	13	0	0	17	0	0	0	1	0	2	0	0	2	0	0	0	0	0	1	3	0	2	0	1	0		
Legenda		I Pergunta				II Pergunta				III Pergunta																					

Legenda ■ I Pergunta ■ II Pergunta ■ III Pergunta

Apêndice 21.3. – Matriz sociométrica – escolhidos

Matriz Sociométrica - na turma do aluno em estudo

Escolhas recebidas Escolhas dadas	A.F.	E.M.	F.F.	L.A.	R.M.	R.S.	R.G.	T.C.	V.C.	A.B.	A.M.	A.R.C.	A.M.	B.G.	C.C.	C.R.	D.C.	G.M.	I.S.	J.M.	L.F.	M.O.	M.C.	M.N.	R.D.	R.F.	S.P.	S.F.	N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos	
A.F.			3 2		3			2	1 1 1 2																			3	9	5	
E.M.			1	3										2 3			3							2	1			1 2	9	7	
F.F.	2				1 1	3 3		3									2 1							2					9	5	
L.A.		2	2 2				1 1 1																						9	4	
R.M.			1 3 1			3 2		2	3	2										1									9	5	
R.S.			3 1		2					2 2							3	3			1 1								9	5	
R.G.	3		3	1 1				2	2						1													3	9	7	
T.C.	1 2 1				3 2				2 3 3																			1	9	4	
V.C.	1 1 1				3 3			2 2 2																	3				9	4	
A.B.	2 2					3														3	1 1 1		2	3					9	5	
A.M.	2							1	3 3									1 1 2				2	3						9	6	
A.R.C.																				2 2 2					3 3 3		1 1 1		9	3	
A.M.						2 2								1 1 1									3 2 3			3			9	4	
B.G.					1											2 2 3										1 1		3 3 2	9	4	
C.C.																				2 1 1	1 2 2				3 3 3				9	3	
C.R.															2	3 3													9	5	
D.C.	3	1		2 2	1 1 3	3																							9	5	
G.M.						3					1 3						3 2		2	1	2								9	6	
I.S.															3 3 3													1 2 1	9	4	
J.M.															3 1 1 2					2 2 1				3				3	9	5	
L.F.	2 3				2					1 1 1												3		2					9	5	
M.O.											1 2 3												2 3 1			3 1 2			9	3	
M.C.		2				1		1	3 3	1	2 2							3											9	7	
M.N.				2		1			3	3					2 1					1 2	3								9	7	
R.D.	2													1 1 1		2 2				3					3				9	6	
R.F.			3												1		2					3	1		2 2 1 3				9	6	
S.P.															2 2	1 1 1				2			3 3						9	6	
S.F.		2								2 1 1									1 2 3	3				3					9	5	
Totais em cada critério	4 6 8 1 0 1 2 6 8 1 0 2 6 1 7 8 4 5 1 1 5 1 7 3 3 4 3 6 2 3 3 1 0 6 0 0 0 0 3 4 5 5 7 1 3 2 3 4 3 1 2 1 3 2 4 6 8 4 4 3 2 2 0 1 6 3 6 6 6 4 1 2 3 2 3 2 2 2 6 1																														
Totais combinados	18	2	14	3	13	14	3	14	10	11	7	0	0	12	13	8	8	4	9	17	9	3	15	16	6	7	7	9	252		
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido	11	2	8	2	8	9	1	8	5	6	3	0	0	7	8	3	5	2	4	10	4	2	8	10	4	3	3	6		142	
Legenda	I Pergunta			II Pergunta			III Pergunta																								

Apêndice 21.4. – Matriz sociométrica – rejeitados

Matriz Sociométrica - Rejeições na turma do aluno em estudo

Escolhas dadas	Escolhas recebidas																										N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhido		
	A. F.	E. M.	F. F.	L. A.	R. M.	R. S.	R. G.	T. C.	V. C.	A. B.	A. M.	A. R. C.	A. M.	B. G.	C. C.	C. R.	D. C.	G. M.	I. S.	J. M.	L. F.	M. O.	M. C.	M. N.	R. D.	R. F.			S. P.	S. F.
A. F.		1	1																										3	2
E. M.																													3	1
F. F.		1	1																										3	2
L. A.		1	1																				1						3	2
R. M.			1																										3	3
R. S.		1																											3	3
R. G.		1																						1	1				3	2
T. C.		1	1																										3	2
V. C.		1	1	1																									3	1
A. B.																													3	1
A. M.		1	1	1																									3	1
A. R. C.																						1		1					3	3
A. M.																													3	1
B. G.			1																										3	3
C. C.			1																										3	3
C. R.																													3	1
D. C.		1																											3	3
G. M.																													3	1
I. S.		1																											3	2
J. M.																													3	3
L. F.																													3	2
M. O.		1	1																										3	2
M. C.																													3	1
M. N.																													3	3
R. D.		1																											3	3
R. F.																													3	2
S. P.																													3	2
S. F.																													3	3
Totais em cada critério	0	0	0	9	7	8	0	0	1	7	6	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Totais combinados	0	24	1	16	0	0	26	0	0	0	1	0	4	0	0	4	0	0	0	0	0	0	1	4	0	2	0	1	0	
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado	0	15	1	13	0	0	17	0	0	0	1	0	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	3	0	2	0	1	0	
Legenda																														
	I Pergunta									II Pergunta									III Pergunta											

84

Legenda

I Pergunta

II Pergunta

III Pergunta

Apêndice 21.5. – Cálculos para os sociogramas das escolhas e das rejeições

Cálculos
Escolhas

Nº de Alunos (a)	Nº total de Escolhas (TE) (b)	Média $c=(a/b)$	Nº de Perguntas realizadas (d)	Probabilidade ($e= c/dx(a-1)$)	Probabilidade de não se escolhida ($f=1-e$)	Desvio Padrão ($g=\text{Raiz}$ quadrada de ($dx(a-1) \times e \times f$)	Grau e Obliquidade da Curva $h=((f-e)/g)$	Tabela de Salvosa Valor superior (i)	Tabela de Salvosa Valor inferior (j)	Limite Superior ($l=c+ixg$)	Limite Inferior ($m=c+jxg$)
28	252	9	3	0,11	0,89	2,83	0,27	1,73	-1,56	13,89	4,59

Rejeitados

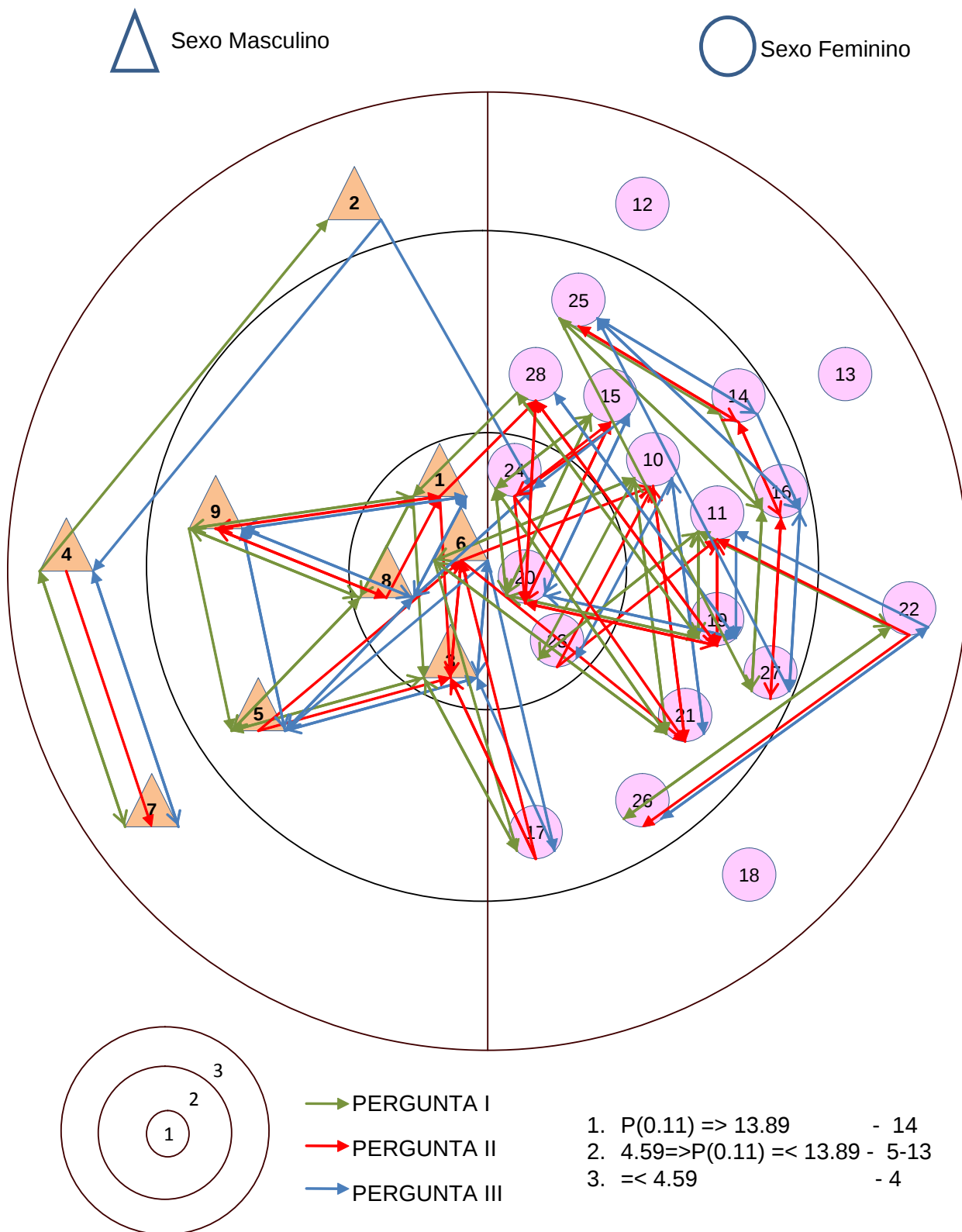
Nº de Alunos (a)	Nº total de Escolhas (TE) (b)	Média $c=(a/b)$	Nº de Perguntas realizadas (d)	Probabilidade ($e= c/dx(a-1)$)	Probabilidade de não se escolhida ($f=1-e$)	Desvio Padrão ($g=\text{Raiz}$ quadrada de ($dx(a-1) \times e \times f$)	Grau e Obliquidade da Curva $h=((f-e)/g)$	Tabela de Salvosa Valor superior (i)	Tabela de Salvosa Valor inferior (j)	Limite Superior ($l=d+ixg$)	Limite Inferior ($m=d+jxg$)
28	84	3	3	0,04	0,96	1,70	0,54	1,77	-1,49	6,01	0,47

Apêndice 21.6. – Tabela de Salvosa

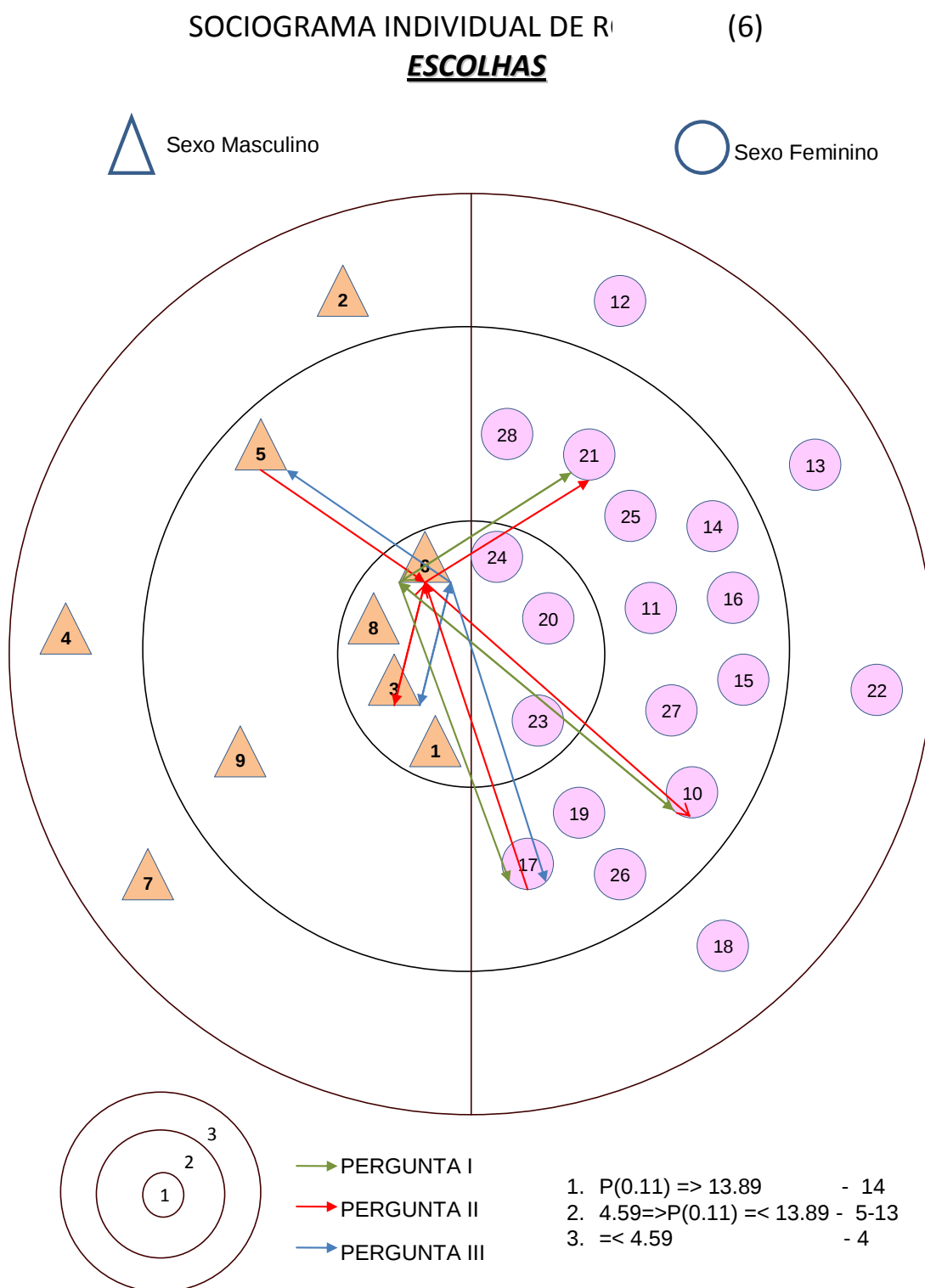
P < 0.05			
	0.0	- 1.64	+ 1.64
	0.1	- 1.62	+ 1.67
0,27	→ 0.2	- 1.59	+ 1.70
	0.3	- 1.56	+ 1.73
	0.4	- 1.52	+ 1.75
0,54	→ 0.5	- 1.49	+ 1.77
	0.6	- 1.46	+ 1.80
	0.7	- 1.42	+ 1.82
	0.8	- 1.39	+ 1.84
	0.9	- 1.35	+ 1.86
	1.0	- 1.32	+ 1.88

Apêndice 21.7. – Sociograma em alvo das escolhas / reciprocidades

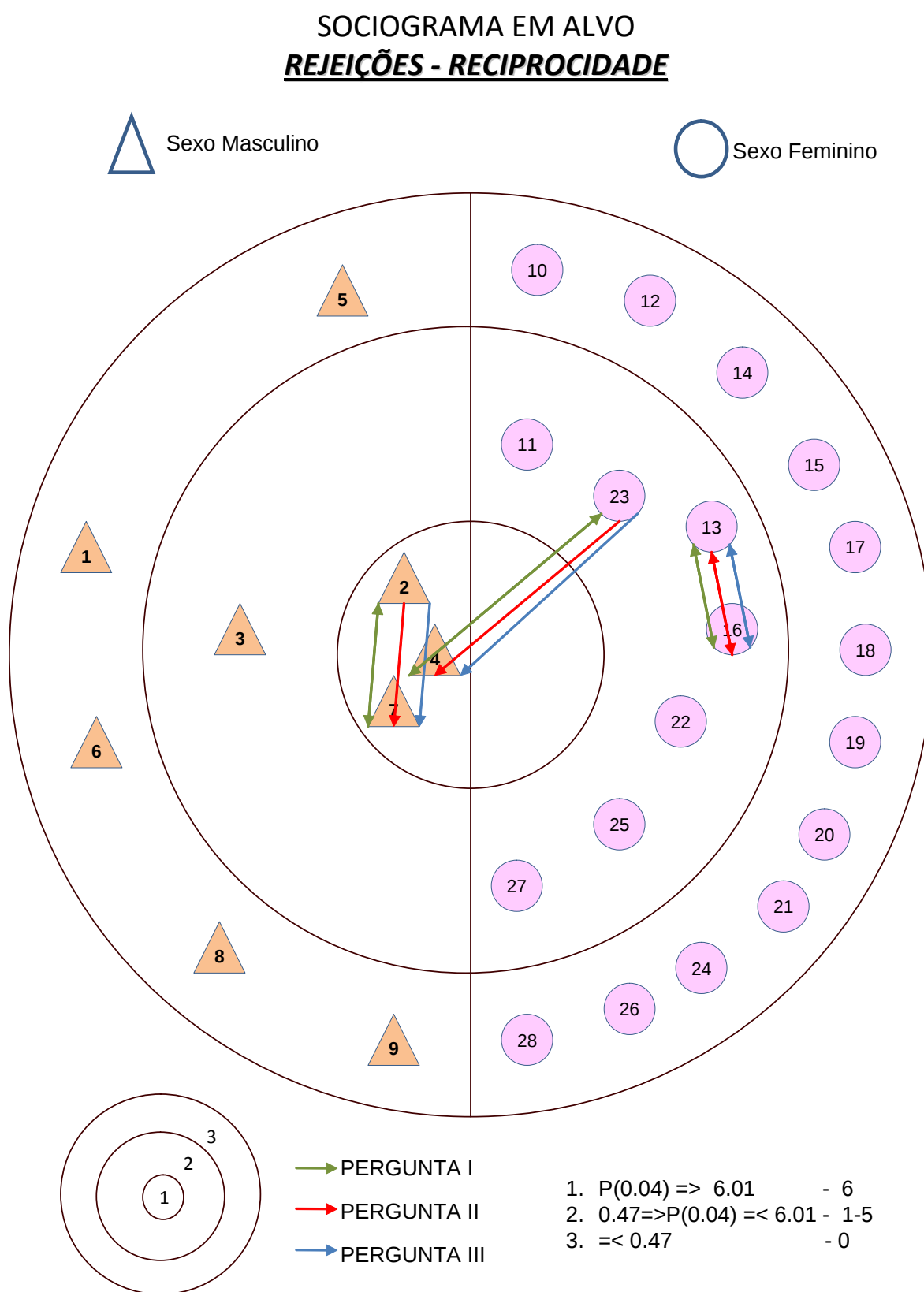
SOCIOGRAMA EM ALVO
ESCOLHAS – RECIPROCIDADE



Apêndice 21.8. – Sociograma individual do aluno R. – escolhas



Apêndice 21.9. – Sociograma em alvo das rejeições / reciprocidades



Apêndice 21.10. – Teste sociométrico – análise e interpretação de dados

“A utilização dos conhecimentos adquiridos por métodos científicos é um meio, pelo menos tão válido como usar o senso comum ou fazer aquilo que nos parece melhor” (Northway, L., et Weld, L, 1999, Testes Sociométricos,. p.70)

O teste sociométrico dá indicações acerca da estrutura social do grupo e das relações sociais que existem entre as crianças, dando-nos informações e não instruções.

Essas informações são por nós utilizadas de acordo com o valor que atribuímos às relações sociais da criança no desenvolvimento da sua personalidade.

Como adultos a trabalhar com as crianças temos consciência de que estamos frequentemente a organizar grupos sociais e oportunidades de contacto social; até fazendo pequenas modificações nos grupos, o adulto pode conseguir um certo equilíbrio na situação social.

Temos no entanto de relativizar os dados do teste pois as relações e as preferências sociais estão continuamente a mudar, podendo também haver diferenças entre as escolhas sociométricas e as relações sociais que nós observámos.

Comparando as escolhas feitas pelo R. e os seus contactos sociais observadas por nós, há muitas semelhanças mas não são absolutamente idênticos. Por exemplo:

- ✓ No 1º critério, “**colega de carteira**” escolhe em 1º lugar a L., em 2º lugar a A. e em 3º lugar escolhe a colega que efectivamente está com ele na carteira (ao lado, já que o aluno tem recursos e equipamentos específicos à sua problemática).
- ✓ Consideramos que a Matriz Sociométrica pode, com um referencial teórico, ajudar a compreender o significado do que se analisou.
- ✓ Sociograma Individual – referente à imagem das relações sociais do R., tal como se revelam num único teste sociométrico. Inclui as escolhas que fez e as que recebeu, mostra a sua posição sociométrica e a posição daqueles que ele escolhe e que o escolheram a ele.

Análise do esquema relacional do aluno R.

I – Índices Sociométricos

Número de vezes em que foi escolhido em cada um dos três critérios, atribuindo a cada entrada registada na coluna vertical de cada criança o valor 1 sem ter em conta se a entrada é dada com 1, 2 ou 3.

1º Critério “Se pudesses escolher o teu colega de carteira, quem escolherias?” – 5

2º Critério “Para realizar um trabalho de grupo, quem escolherias para trabalhar contigo?” – 4

3º Critério “Quem gostarias de escolher para jogar contigo nos intervalos das aulas?” – 5

Total das três parcelas 14 – índice de posição sociométrica – **acima da probabilidade.**

Nota: índice de posição sociométrica oscila de 0 a 27

Superior ou igual a 14 – M A P – acima da probabilidade

5 - 13 – média/probabilidade

Inferior a 4 – abaixo da probabilidade

Totais em cada critério – número de vezes que cada um dos alunos foi escolhido em cada um dos critérios, atribuindo a cada entrada vertical o valor 1.

Totais combinados – índices sociométricos globais.

II – Número de escolhas feitas pelo R., sabendo que tinha 9 oportunidades de escolha – usou-as todas.

III – Número de crianças diferentes que cada criança escolhe, determina-se contando o número de colunas que contêm registos na linha horizontal que lhe corresponde. Esta soma de todas as colunas, intitulada “Número de colegas escolhidos, situa-se à direita da matriz sociométrica e tem o valor 5.

IV – Escolhas recíprocas – uma criança pode escolher outra que também a escolhe a ela, determina-se olhando para os dois quadrados onde as colunas e as linhas destas crianças se intersectam e, se houver registos em ambas, isso significa que as escolhas foram recíprocas.

Em relação ao R. há nesta matriz sociométrica escolhas “totalmente recíprocas”, mas encontramos algumas “parcialmente recíprocas”, nomeadamente em análise:

1º Critério “**colega de carteira**”

O aluno R. escolheu em 1ª opção a aluna L. que por sua vez não o escolhe a ele neste critério

O aluno R. escolheu a aluna A. como 2ª opção e esta mesma aluna escolhe o R., no mesmo critério em 3ª opção.

O aluno R. escolhe a colega D. em 3ª opção e ela por sua vez não o escolhe a ele neste critério

Poderá esta análise relacional ser encarada como uma limitação no contexto sala de aula.

2º Critério “**colega de grupo**”

O aluno R. escolhe em 1ª opção a aluna L. que por sua vez não o escolhe a ele

O aluno R. escolhe em 2ª opção a aluna A. e esta por sua vez não o escolhe a ele

O aluno R. escolhe em 3ª opção o aluno F. e este também escolhe o R. em 3ª opção, logo verifica-se uma reciprocidade total.

3º Critério “**colega para jogar**”

O aluno R. o escolhe em 1ª opção o aluno F. e este por sua vez escolhe o aluno R. na 3ª opção, podendo considerar-se uma potencialidade de sala, apesar de não termos recolhido uma reciprocidade total, como se verifica nas observações naturalistas em diferentes contextos de aprendizagem, a referir: intervalos no pátio de recreio e aulas de educação física.

O aluno R. escolhe na 2ª opção o colega R. M. que por sua vez o escolheu no 2º critério, na 2ª opção

O aluno R. escolhe na 3ª opção a D. e esta só o escolheu no 2º critério, na 3ª opção.

Como reflexão da análise dos dados obtidos no Teste Sociométrico, inferimos que o R. é um aluno bem aceite pelos colegas de turma, está bem incluído, salientando-se o colega F. como seu amigo e ainda pelo facto de não se verificado e constatado nenhuma rejeição. Podemos cruzar esta informação com as entrevistas, nas quais os professores se referem ao R. como sendo um aluno muito bem aceite na turma assim como com as observações naturalistas, nas quais constatamos também comportamentos e práticas inclusivas em relação ao aluno em estudo.

Apêndice 21.11. – Questionário apresentado aos alunos

Questionário

(Indica o primeiro e último nome do teu colega)

1. Se pudesses escolher o teu colega de carteira, quem escolherias?

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias? _____

2. Para realizar um trabalho de grupo, quem escolherias para trabalhar contigo?

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias? _____

3. Quem gostarias de escolher para jogar contigo nos intervalos das aulas?

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias? _____

Nome: _____ Número: _____

ANEXOS

Anexo 1 – Programa Educativo Individual (PEI)

Agrupamento de Escolas ...

Aprovado pela Comissão Pedagógica
Data:
Assinatura:

Homologado pela Comissão Executiva Instaladora
Data:
Assinatura:

Programa Educativo Individual

Ano Lectivo de 2010/11

Decreto-Lei nº3/2008

Escola: Escola Básica 2,3/S ...

1. Identificação do aluno		
1.1. Nome: R.		1.2. Data de Nascimento: 23-12-1997
1.3. Nome do Encarregado de Educação: ...		
1.4. Morada:		1.5. Código Postal:
1.6. Telefone:	1.7. E-Mail:	
1.8. Nível: 2º ciclo	1.9. Ano de escolaridade: 6º	1.9.1. Turma: D
Docentes de Educação Especial:	Vanda e Elisabete	
Coordenadora do PEI:	Ana	

**2. Resumo da história escolar e outros antecedentes:
(História sócio-familiar; História escolar; Medidas educativas anteriormente aplicadas)**

O R. nasceu em Cabo Verde. Tem duas irmãs mais velhas e outra que nasceu em Setembro deste ano. Em Cabo Verde esteve ao cuidado da sua avó materna. Em relação à sua história clínica referimos informações da mãe, a qual refere que quando o R. tinha dois anos de idade foi por sua iniciativa com o menino ao Hospital, em Cabo Verde, uma vez que o seu filho não falava nem andava. Só nessa altura lhe diagnosticaram Paralisia Cerebral (atetósica), apresentando uma problemática essencialmente motora.

Não dispomos de registos escritos acerca das etapas de desenvolvimento ou do diagnóstico clínico até à sua vinda para Portugal.

Ainda segundo informação da mãe, o R. frequentou um Jardim de Infância dos 4 aos 5 anos em Cabo Verde. Após a morte da sua avó materna, em Março de 2004, veio viver em Portugal, com a sua mãe que já se encontrava a trabalhar neste país há 3 anos.

Foi matriculado na Escola EB1..., Agrupamento de Escolas..., no início do ano 2004 / 2005, transitando de imediato para a EB1..., do mesmo Agrupamento, devido à sua problemática motora grave de carácter permanente, não tendo deslocação autónoma, necessitando do uso de cadeira de rodas empurrada por adulto apresentando também descoordenação motora dos membros superiores.

Nesta escola frequentou a pré primária com apoio educativo, tendo sido solicitado um adiamento de escolaridade, fundamentado com relatório psicológico. Este adiamento foi autorizado em 13 de Julho de 2004.

No Ano Lectivo de 2005/2006, frequenta pela primeira vez o 1º Ano de Escolaridade.

Ao longo da sua escolaridade o R. beneficiou sempre de Apoio Educativo da Educação Especial.

Consta do seu Processo “Informação Médica” da qual se salienta que “(...) sofre de Paralisia Cerebral necessitando de apoio permanentemente.”

No dia 14 de Novembro de 2009 adquiriu uma Cadeira de Rodas nova (da Whitmyer), financiada pela S.C M.L. No final de Maio, adquirir também um Suporte de Cabeça (com switch uni-lateral de cabeça Whitmyer) para trabalhar com o Sistema Grid, este material foi financiado pela APERG.

No ano lectivo 2008/09 terminou o 4º ano do 1º ciclo nesta escola (EB1...), e transitou ao 5º ano do 2º ciclo para a Escola Básica 2,3/S...

Presentemente está matriculado no 6º ano, turma D nº 23. Continua a beneficiar do Apoio Educativo e das medidas educativas ao abrigo do Decreto-Lei nº 3/2008.

3. Caracterização dos indicadores de funcionalidade, nível de aquisições e dificuldades do aluno:

Problemática

O R. é portador de uma problemática do âmbito neuromotor (Paralisia Cerebral atetósica) Apresenta, assim uma problemática ao nível da componente funções do corpo mais especificamente das funções neuromusculares e relacionadas com o movimento. Esta variação severa, por referência à média, infere-lhe algumas limitações de actividade e restrições à participação.

Nível da comunicação/Linguagem

O R. gosta de falar e de comunicar e sabe manter um diálogo.

Nas funções da voz e da fala o R. apresenta alterações relativamente à produção e qualidade da fala. Estas alterações são extensíveis às funções de articulação, da fluência e do ritmo da fala.

Nível motor

Embora com mais limitações ao nível dos membros inferiores observa-se uma alteração severa tanto ao nível das funções da mobilidade das articulações como da estabilidade das mesmas bem como da mobilidade dos ossos, da força muscular e do tônus muscular. Observam-se, ainda alterações severas no que diz respeito à resistência muscular e ao nível das funções de reflexos motores. Apresenta, também, alterações severas relativamente ao controlo dos movimentos voluntários. Estas observam-se, sobretudo, no decorrer do desenvolvimento de tarefas (de aprendizagem, jogo com pares, alimentação e manutenção da higiene) reacções motoras involuntárias bem como movimentos involuntários de diverso tipo (contrações, tremores, tiques e maneirismos).

- **Coordenação Geral**

No colchão rebola. Quando está de costas faz força com a cabeça, nos braços e pernas.

Não anda devido às consequências específicas da sua PC.

- **Equilíbrio**

Não tem equilíbrio autónomo, necessita de Equipamentos Especiais de Compensação (Standing-frame). Presentemente já consegue estar posicionado no Standing-frame.

- **Capacidade manipulativa/ Destreza manual**

Manipulação manual muito fraca, agarra objectos, sobretudo com a mão esquerda, segura-os algum tempo, por vezes muda-os de mão.

- **Andar/ locomoção**

Não pode andar de forma autónoma devido às consequências da sua PC, o seu meio de locomoção é com Equipamento Especial de Compensação, cadeira de rodas empurrada por adulto

Psicomotricidade

- **Equilíbrio Estático**

Mantém-se imóvel, estático muito pouco tempo, apesar de ter “suportes” acrescentados na sua cadeira de rodas

Devido aos seus movimentos atetósicos e insuficiente tonicidade não consegue controlar a sua postura, inclina-se, baixa a cabeça, inclina-a para a frente.

- **Preensão**

Agarra o pão ou fruta e come

Agarra plasticina e contrai a mão

Agarra folha de papel com ajuda

- **Manipulação**

Tenta virar as folhas do livro uma a uma e tem grande prazer nesta actividade apesar de precisar de ajuda

- **Dominância Lateral**

Manual - definição “insegura” à esquerda

Nível cognitivo

O R. apresenta boas capacidades cognitivas, o aluno faz aprendizagens e aplica conhecimentos tendo capacidade de realizar tarefas múltiplas.

Nível Emocional

O R. vai fazer 13 anos tem consciência da sua situação o que lhe provoca muitas angústias. Há dias em que o R. se sente deprimido, apesar de no geral ser uma criança bem-disposta, comunicativa e alegre.

Nível de Socialização

O R. está bem integrado na turma, relaciona-se bem com os seus colegas e adultos, o mesmo sucede com o resto da comunidade escolar.

Nível da Autonomia

- **Alimentação**

Come o mesmo que os outros, tem prazer na alimentação, mastiga os alimentos.

Dependente do adulto na parte instrumental

○ **Higiene pessoal**

Dependente do adulto, não controla os esfíncteres

Este ano, vai-se tentar que o R. controle os esfíncteres e peça para ir à casa de banho. Para tal acontecer, tem que haver uma auxiliar responsável para o levar e colocar na sanita.

○ **Vestuário**

Dependente do adulto

○ **Mobilidade**

Dependente do adulto

Competências.

Língua Portuguesa - Lê textos, no entanto prefere que seja um adulto a ler-lhe, pois o seu ritmo de leitura é um pouco lento. Compreende o que lhe é lido ou lê.

Relata acontecimentos, emite opiniões,

Matemática - Tem um bom cálculo mental, domina os conceitos matemáticos. Revela alguma dificuldade no algoritmo das operações porque não as concretiza no papel.

4. Factores ambientais que funcionam como facilitadores ou como barreiras à participação e à aprendizagem:

Barreiras	Facilitadores
O software educativo é escasso na escola, não existindo as ajudas técnicas fundamentais para uma intervenção mais eficaz. Não haver Técnicos Especializados para trabalhar com o R., nomeadamente Fisioterapeutas. As aulas não decorrerem todas no primeiro piso/rés-do-chão. Habitação – a casa do R. tem espaços muito reduzidos o que o impede de circular	- Professores compreendem as características específicas do aluno adequando os conteúdos e estratégias a utilizar. - Professoras de Ensino Especial - Auxiliares da acção educativa - Colegas

5. Definição de medidas educativas a aplicar – artigo 16º

a) - Apoio pedagógico personalizado

b) - Adequações curriculares Individuais

d) - Adequações no processo de avaliação

f) - Tecnologias de apoio

Explicitação das características específicas de que as medidas educativas se revestem:

a) - Apoio pedagógico personalizado

O apoio consistirá no reforço de estratégias utilizadas no grupo turma aos níveis da organização, do espaço e das actividades; reforço pontual das competências envolvidas na aprendizagem.

b) - Adequações curriculares Individuais

Estas Adequações Curriculares não prejudicam o cumprimento dos objectivos gerais do 2º ciclo e tornam-se indispensáveis por se verificar que o recurso aos equipamentos especiais de compensação não é os suficientes.

d) - Adequações no processo de avaliação

A avaliação deve contemplar testes, pequenos trabalhos, fichas formativas, etc.

Os testes devem ser mais pequenos, podendo recorrer-se a respostas de escolha múltipla: verdadeiro/falso, podendo ir aumentando a sua complexidade à medida que o aluno for sentido segurança.

A duração e o local de execução dos testes podem ser alterados e adaptados às NEE's do aluno.

f) - Tecnologias de apoio

Equipamentos Especiais de Compensação como meio de acesso ao Currículo, como:

- Cadeira de Rodas para locomoção com suporte de cabeça
- Equipamento Informático adaptado (Switche de cabeça da Whitmyer e Grid), para processamento da escrita;
- Tabuleiro adaptado à sua Cadeira de Rodas e os espaços de aprendizagem têm de estar adaptados às suas exigências de locomoção em Cadeira de Rodas.

A arquitectura desta escola contempla rampas e elevadores de acesso aos diferentes

espaços educativos assim como uma casa de banho com bancada para mudança das fraldas.

- Standing-frame para equilíbrio postural, cedido pela CRPCCG

Desde 2007 que não conseguia posicionar-se no Standing-frame, porque a perna esquerda não esticava.

Em finais de Outubro de 2009, depois de um longo e contínuo trabalho de reabilitação coordenado com o treino de respiração, o R. consegue novamente posicionar-se no Standing-frame por um curto espaço de tempo (queixando-se de dores nos joelhos, devido à pressão/contracção dos músculos).

Desde então, continua sempre que possível a fazer Standing-frame (quando há recursos humanos - auxiliar).

Outras informações consideradas relevantes:

Em meados de 2008 suspeitou-se de uma eventual falta de vista, aconselhou-se a mãe a leva-lo a uma consulta de Oftalmologia.

Em Setembro de 2009, o R. é visto pelo Médico Oftalmologista..., e desde então que usa óculos.

Desde Outubro de 2009, que o R. antes das três principais refeições está a tomar um medicamento (Lioresal 10 – Novartis) que é um Antiespástico com ponto de impacto medular.

6. Plano Individual de Transição:

Não aplicável

7. Nível de participação do aluno nas actividades educativas da escola

7.1 Inclusão		Tempo inteiro	Tempo parcial
Turma de ensino regular		+	
Unidade Especializada	Unidade de Ensino Estruturado para alunos com Perturbação do Espectro do Autismo – UEE para PEA		
	Unidade de Apoio a alunos com Multideficiência – UAAM		+
Outras opções: O aluno frequenta a Unidade de Apoio 2x por semana para ter apoio educativo e todos os dias depois do almoço para desenvolver o trabalho no computador - GRID e fazer posicionamento 3x por semana no Standing-frame			

7.2 Horário do aluno

O R. tem apoio educativo nos seguintes dias:

3ª feira – 10:45 às 11:30h

5ª feira _ 10:45 às 11:30h

8. Discriminação dos objectivos gerais a atingir e das estratégias e recursos humanos e materiais a utilizar

8.1. Objectivos gerais

Na perspectiva duma escola para todos é nossa intenção apoiar as aprendizagens do R. respondendo às suas necessidades individuais.

Na reeducação de uma criança com Paralisia Cerebral é imprescindível o trabalho em equipa multidisciplinar que promova a sua acção em interacção uns com os outros.

Os objectivos gerais atendendo às características do R. são:

- Evitar o agravamento das limitações motoras
- Promover o controle da cabeça (manter a cabeça bem posicionada)
- Inibir movimentos involuntários (estabilização dos membros superiores)
- Desenvolver ao máximo as potencialidades do aluno de modo a permitir-lhe uma boa integração escolar e social.

8.3. Recursos**8.3.1. Humanos**

Docentes das disciplinas
Docentes de Educação Especial
Auxiliares de acção educativa

8.3.2. Materiais

Software educativo - sistema Grid
Standing-frame e mesa adaptada

9. Currículo Específico Individual/Adequações Curriculares Individuais

Adequações Curriculares Individuais nas disciplinas de teor mais prático

10. Responsáveis pelo desenvolvimento do PEI e funções	
10.1 Nome:	10.2. Função
Ana	Directora de Turma
Vanda e Elisabete	Docentes de Educação Especial

11. Outros serviços de que o aluno beneficia
O R. no ano lectivo anterior <u>tinha Fisioterapia 2 X por semana (fora da escola)</u> 4ª feira – 08:00 às 08:45h 6ª feira – 08:00 às 08:45h Era a mãe que o leva e depois o trazia à escola (às 09h) <u>Deixou de ter porque tinha que faltar a duas aulas no turno da manhã e a mãe refere que já não se sente com forças para o deslocar na sua cadeira (empurrar)</u>

12. Definição do processo de avaliação da implementação do programa educativo individual
12.1. Critérios Parecer dos diferentes participantes no PEI expressas nos conselhos de turma e registadas em acta. - Desenvolvimento do processo - Competências adquiridas
12.3. Intervenientes Docentes
12.4. Momentos de Avaliação Em todos os momentos formais de avaliação ou sempre que se considere necessário.

13. Responsáveis pela elaboração do PEI	
Função:	Assinatura:
Directora de Turma	_____
Docentes de Educação Especial	_____

14. Coordenador do PEI:	
Data: 10-12-2009	Função: Directora de Turma
Assinatura: _____	

15. Aprovação do Encarregado de Educação:	
Data:	
Assinatura: _____	

Anexo 2 – Adequações Curriculares Individuais

Agrupamento de Escolas ...

ESCOLA 2,3/S ...

Educação Especial

ADEQUAÇÕES CURRICULARES INDIVIDUAIS

Decreto-Lei 3/2008, de 7 de Janeiro, artigo 16º, alínea b)

As Adequações Curriculares Individuais, no Ensino Básico, não põem em causa a aquisição das competências terminais de ciclo. (Artigo 18º, ponto 1)

A medida - *Adequações Curriculares Individuais* (Artigo 18º) – refere-se a:

- “ Podem consistir na introdução de objectivos e conteúdos intermédios em função das competências terminais de ciclo [...], das características de aprendizagem e dificuldades específicas do aluno.” (ponto 4);
- “ Podem traduzir-se na dispensa de actividades que se revele de difícil execução em função da incapacidade do aluno, só sendo aplicáveis quando se verifique que o recurso tecnologias de apoio não é suficiente para colmatar as necessidades educativas resultantes da incapacidade.” (ponto 5).

2º Ciclo

Nome do aluno: R.

Ano: 6º	Turma: D	Nº: 23	Directora de Turma: Prof. Ana
---------	----------	--------	-------------------------------

Disciplinas nas quais são feitas adaptações curriculares (disciplinas de teor mais prático) - EDM, EVT, EDF

Em todas as outras disciplinas o aluno usufrui do recurso às tecnologias de apoio (GRID - Software e Hardware adaptado) para acompanhar o programa, possibilitando ao R. adquirir as competências terminais de ciclo.

Ano lectivo: 2010/20011

Anexo 3 – Relatório Individual da criança / aluno, Junho de 2006

Divisão-Geral da Inovação
e do Desenvolvimento Curricular

Relatório Individual da criança/aluno

(de acordo com o previsto no ponto 5.5 do Despacho nº 10856/2005)

DREN ☐DREC ☐DREL ☒DREAL ☐DREALG ☐

Equipa de Coordenação dos Apoios Educativos de Lisboa 1

1. Identificação da criança/aluno

Nome: _____

Data de Nascimento: 23-12-1997 (Ex.: 12-09-1995)

Situação Educativa:

Domicílio ☐Ama ☐Creche ☐Pré-escolar ☐1.º CEB ☒2.º CEB ☐3.º CEB ☐Secundário ☐

Ano de Escolaridade: 1º

Estabelecimento de educação/ensino: E B 1/JI

Sede do agrupamento: EB 2.3 I

Outras situações ☐: Explícite: _____

2. Caracterização da criança/aluno

2.1. Identificação da problemática da criança/aluno

(Assinale com uma cruz o tipo de NEE em que a criança/aluno se insere, tendo em consideração, no caso de alunos com NEE de carácter prolongado, a limitação mais acentuada ao nível do seu funcionamento nos diferentes domínios.)

NEE de carácter prolongado									Outras NEE(*)
Sensorial			Motor	Cognitivo	Emocional	Saúde física	Comunicação, fala e linguagem	Cognitivo, motor e sensorial	
Audição	Visão	Audição e visão							
☐	☐	☐	☒	☐	☐	☐	☐	☐	☐

(*) Se assinalou "Outras NEE", caracterize as necessidades educativas da criança/aluno:



2.2. Progressos alcançados

(Tendo em consideração a situação específica da criança/aluno, explicita, com base na caracterização do início do ano lectivo, os progressos alcançados e as dificuldades que persistem. Para o efeito, poderá considerar, entre outros, os seguintes aspectos: i) cognitivos, ii) sensoriais, iii) motores, iv) comunicação, v) linguagem, vi) saúde física, vii) interações e relacionamentos interpessoais, viii) realização das tarefas, ix) aquisições escolares)

Este relatório destina-se a ser consultado pelos técnicos de educação e a ser arquivado no Processo Individual do aluno.

No presente ano lectivo de 2005-2006 o modelo de Relatório Individual ao abrigo do ponto 5.5 do Despacho 10856/2006 não permite uma avaliação detalhada e compreensiva do aluno, assim como o seu conhecimento por parte do Conselho de Docentes, pelo que optámos por preencher também este formulário, proposto no ano anterior.

Cumprimos no entanto o preenchimento do formulário proposto pela Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, tendo sido atribuído ao relatório deste aluno o nº 40240. Foi dado conhecimento à ECAE para validação do mesmo, no dia 16 de Junho de 2006.

Com base na caracterização do início do ano lectivo passamos a referir dados Psicológicos e Pedagógicos que contribuíram para a compreensão da situação específica desta criança com uma problemática de carácter permanente e prolongado. Assim como potencialidades do referimos dados psicológicos do Relatório apresentado pelo Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian: "O Carlos veio ao CRPCCG a uma consulta de avaliação por uma equipa multidisciplinar, enviado pelo Dr. António Levy, Neuropediatra que o segue no Hospital de Stª Maria.

(...) Foi-lhe feita uma avaliação Psicológica com a Leiter International Performance Scale - 1948 Revision. Não tendo sido possível obter dados cotáveis, pois o Carlos apresenta uma grande dispersão face a actividades que exijam alguma atenção / concentração, não tendo aderido às nossas propostas. Utilizou quase sempre a interacção verbal como estratégia para não responder ao que lhe foi pedido.

(...) Parece ter mais capacidades do que aquelas que mostra." (Drª Inês Carvalhão, Psicóloga, Maio de 2004)

No início do ano 2005/2006, a Professora de Apoio Lídia da ECAE de Lisboa 1, procedeu à "Avaliação Compreensiva Especializada" (Relatório Pedagógico, Professora Lídia) com vista ao Processo de Tomada de Decisão sobre o caso. Dos aspectos avaliados passamos a referir dados significativos os quais contribuíram para a Proposta Educativa elaborada para esta criança, conjuntamente com os dados de Programação da Professora da Turma.

- Comportamental (Atitudes emocionais, Interações Sociais)

Cooperação

Coopera dentro das suas possibilidades

Intervém, por vezes, não esperando a sua vez

Atenção

Necessita treinar atenção selectiva, em parte agravada com a mudança de posição da sua "percepção visual" devido aos movimentos pouco controlados da cabeça

Capacidade de lidar com situações novas

Perante situações novas, mudança de actividades, tentativa para agarrar objectos, pessoas que se lhe dirigem de forma efusiva, fica "excitado", os movimentos atetósicos acentuam-se e precisa "respirar" para "parar", é sensível a estes exercícios. Às vezes é necessário segurar um dos membros superiores para estabilizar um pouco, ele também colabora e tenta segurar uma mão com a outra.



Aceitação Social

É aceite pela turma, sabem o nome dele, alguns colegas gostaram, desde o início de vir ao pé dele apresentando-se, dizendo o nome e algumas das suas actividades preferidas, apesar de ser uma turma de crianças desconhecida para

Alguns alunos, mais rápidos na execução das tarefas aceitam, por sugestão cooperativa da sala de aula por parte da Professora, ajudar o com os seus materiais de leitura e escrita, letras móveis e quadro magnético.

Verifica-se, em espaços exteriores à sala de aula, polivalente, pátios e outros que o nosso caso não é indiferente aos outros colegas de sala que manifestam atitudes de carinho e aproximação.

Aceitação de Responsabilidades

Aceita responsabilidades de leitura com material magnético.

Quando em superfície de papel, lê algum tempo o material destacado para o aluno, mas diz passado algum tempo: - Vou dormir...! (Baixa a cabeça, inclina-a ... algum tempo).

Na escrita fica muito excitado, aumenta o descontrolo dos movimentos, quer ser ele a segurar as letras (já que não pode "manuseá-las na selecção"), a montar as palavras, mas a sua preensão das mesmas é muito reduzida e o controlo óculo-motor não lhe permite atingir o objectivo desejado. Quando "perde" o material preocupa-se com a sua recuperação e ajuda a localizá-lo.

Na escrita com o suporte informático (Discover-switch) tenta evitar a tarefa e diz:

- Não sou capaz!

Parece-nos que tanto o Programa como o meio de acesso necessitam de treino sistemático. Acresce ainda a necessidade duma motivação para a tarefa pois, nesta fase, início do ano lectivo, (:) não se tem mostrado empenhado nem interessado em superar as suas dificuldades instrumentais.

Salientamos ainda a necessidade de acompanhamento por Técnicos da área das TIC para possíveis reavaliações e reajustes da tecnologia como Equipamento Especial de Compensação para acesso ao Currículo na vertente da Linguagem Escrita.

Realização de Tarefas

Tem motivação para as tarefas escolares, é sensível à sequência de início, meio e fim desde que estas não sejam demoradas ou repetitivas, podendo dar-nos indicadores de cansaço, verbalmente ou por gestos.

Devido ao seu padrão de funcionamento, inerente à sua deficiência motora, necessita de ajuda permanente para a realização de tarefas.

Relações Sociais

O início do ano lectivo, foi um pouco conturbado. Apresentou algumas dificuldades em aceitar a sua nova turma, não queria permanecer sentado na cadeira, queixava-se de dores no corpo e insistia que queria sair da cadeira para o colchão. Foi necessário utilizar algumas estratégias pedagógicas adequadas à situação, passando pela empatia, compreensão, coerência, firmeza, apelando para a necessidade dele fazer amigos na sua sala de aula, criando-lhe o seu espaço de trabalho com os materiais essenciais às suas necessidades educativas especiais.

Decorrido um mês foi feita uma caminhada muito positiva e parece sentir-se feliz com os pares da sua turma.

- Motricidade

Coordenação Geral

No colchão rebola. Quando está de costas faz força com a cabeça, nos braços e pernas.

Não pode correr, subir, pular, andar devido às consequências específicas da sua PC



Equilíbrio

Não tem equilíbrio autónomo, necessita Equipamentos Especiais de Compensação (Standing-frame)

Capacidade manipulativa/ Destreza manual

Manipulação manual muito fraca, agarra objectos, sobretudo com a mão esquerda, segura-os algum tempo, por vezes muda-os de mão. Deixa-os cair passado pouco tempo (2 minutos) ou atira-os com força excessiva e local não programado.

Andar/ locomoção

Não pode andar de forma autónoma devido às consequências da sua PC, o seu meio de locomoção é com Equipamento Especial de Compensação, cadeira de rodas empurrada por adulto

- Psicomotricidade

Equilíbrio Estático

Mantém-se imóvel, estático muito pouco tempo, apesar de ter "suportes" acrescentados na sua cadeira de rodas

Devido aos seus movimentos atetósicos e insuficiente tonicidade não consegue controlar a sua postura, inclina-se, baixa a cabeça, inclina-a para trás

Preensão

Agarra plasticina e contrai a mão

Agarra folha de papel com ajuda

Manipulação

Tenta virar as folhas do livro uma a uma e tem grande prazer nesta actividade apesar de precisar de ajuda

Dominância Lateral

Manual - definição "insegura" à esquerda

Percepção da relação temporal

Localiza actividades em partes do dia (manhã, tarde, depois), pergunta à mãe se é dia de escola ou se pode dormir mais um bocadinho

Percepção da relação espacial

Coloca questões sobre meios de transporte, para onde vão, que números têm, o que indica esses números, tenta descrever "caminhos" indicando pontos de referência

- Autoromia

Alimentação

Come o mesmo que os outros, tem prazer na alimentação, mastiga os alimentos

Dependente do adulto na parte instrumental

Higiene pessoal

Dependente do adulto, não controla os esfíncteres

Vestuário

Dependente do adulto

Normas sociais

Responde a perguntas

Por vezes despede-se mandando "beijinhos" quando está feliz e quando consegue coordenar o gesto com o momento oportuno para o fazer

Tarefas/Autonomia

Aceita pequenas tarefas como o transporte do pacote do leite da sala para o pátio apesar de o deixar cair várias vezes ou de o atirar de forma involuntária



Ministério da
Educação

Ministério da
Educação

Faz sugestões tentando ser ele a "arrumar" os recados escritos para casa e encarrega-se de dizer à mãe que tem recados para ela

- Percepção Auditiva

Apresenta competências significativas na discriminação de pares de palavras, na identificação fonética e na memória de frases.

Apresenta algumas dificuldades na memória de palavras soltas, na memória auditiva de números e na associação auditiva entre frases com características semânticas opostas ou semelhantes.

- Linguagem

Comportamentos emergentes de leitura

-Manuseamento do Material Escrito

Ao "pegar" num livro orienta o sentido da escrita quando acompanhada com desenhos] -----

-Reconhecimento e orientação da mancha escrita

Diferencia a escrita do desenho

Sabe onde começa a escrita

Sabe onde acaba a escrita

-Atribuição de significado à escrita

Atribui significado à escrita em contexto

Reconhece que a escrita contém informação

-Identificação da unidade palavra

Sabe assinalar palavras

Sabe onde começa e acaba a palavra

-Identificação da unidade letra

Diferencia desenhos de letras

Sabe isolar uma letra na palavra

Faz a correspondência letra- som

Diferencia algarismos de letras

Linguagem oral

-Apresenta níveis médios de desempenho nas nomeações, com desenhos de suporte, com vista à atribuição de rótulo correcto

-Ao nível da definição verbal, também com desenhos de suporte, apresenta níveis inferiores de desempenho.

-Capacidade de falar com frases correctas e estrutura adequada

Fala com frases simples, uso funcional do tipo:

•responder ao que se pergunta

•chamar a atenção do adulto/ professor

• questionar o adulto

Vocabulário

O vocabulário é limitado, revelando falta de estímulos e experiências de aprendizagem

-Capacidade de recordar palavras

Procura palavras para se expressar e usa "sinónimos", definição pela percepção visual, definição funcional, local onde vive...

As palavras soltas em lista, mesmo com fonologia semelhante, apresentam dificuldades de reprodução

-Capacidade de formular ideias a partir de factos isolados



Relaciona factos com ideias e acontecimentos

-Capacidade de contar histórias e de relatar experiências

Capacidade média, para contar a história usa pequenas frases, pode prender-se a alguma personagem, acontecimento, objecto...

Quanto a experiências vividas são curtos os relatos, temos de o incentivar, ajudar ao relato com questões

-Compreensão e interpretação

Compreende histórias orais

Compreende histórias lidas

Identifica personagens de uma História

-Aspectos semânticos

Não se expressa com grande espontaneidade sobre assuntos do quotidiano

Definição de nomes, qualidades e acções tem dificuldade

-Aspectos morfo-sintácticos

Apesar de reduzidas as frases cumprem algumas das regras sintácticas

- Aspectos fonológicos

Não omite sílabas, nem fonemas, não troca a ordem das sílabas nas palavras

Articula de forma aceitável os sons da nossa língua, podendo no entanto vir a revelar-se necessário uma avaliação técnica detalhada de todos os sons por Terapeuta da Fala

-Aspectos Pragmáticos

Adequa o seu discurso a um só interlocutor mas em grupo / classe não mantém os tópicos da conversa de forma sistemática

-Aspectos supra-segmentais

Utiliza entoação exclamativa, interrogativa e declarativa

Acentua correctamente as palavras

Fala com expressividade tanto na voz como na expressão facial

- Matemática

Números

Identifica colecções de objectos

Identifica números podendo confundir alguns de forma semelhante

Da caracterização sumária do seu desenvolvimento escolar nas áreas de aprendizagem salienta-se os progressos obtidos em Língua Portuguesa, na leitura, já lendo palavras e frases simples. Quanto à escrita, a mesma é suportada pelo uso das T. I. C. com software e hardware para ele instalados. Por sugestão das Coordenadoras da ECAE de Lisboa 1, com autorização expressa da mãe, o [] foi alvo duma " Avaliação em Terapia Funcional", na Liga dos Deficientes Motores da Ajuda, salientando-se do Relatório apresentado que a " cadeira está desajustada ao tamanho do [] (...) escassez de acessórios para promover o correcto posicionamento ao nível da cabeça, do tronco, anca e membros inferiores (...) reforçando a importância de um correcto posicionamento para a realização e sucesso nas actividades." (Cfr Relatório da Terapeuta Ocupacional Tânia Pimenta).

Quanto à área da Matemática, as aquisições são mais lentas, necessitando de exemplos,



Em relação aos aspectos ligados às interações e relacionamentos interpessoais tem-se vindo a revelar a necessidade, quase diária, de com firmeza e com compreensão tentarmos ajustar algumas situações comportamentais. O ... a expressão oral ou a preensão voluntária com as mãos para interagir com os colegas e adultos podendo por vezes exagerar ou desenquadrar a sua atitude em relação à tarefa / actividade. Tem manifestado verbalmente, com alguma agitação interior e implicações na realização de tarefas, uma certa dificuldade em se aceitar tal como é, dificuldade em aceitar a sua imagem corporal, por vezes baixa auto - estima e falta de segurança nas relações. As suas mudanças físicas e emocionais próprias do crescimento provocam-lhe um estado de ansiedade muito latente e visível em gestos e verbalizações. Não aceita o seu crescimento, diz que está grande demais e manifesta uma "energia emotiva" que tende a influenciar o seu pensamento, os seus sentimentos, acções e interações, percebendo-se esta influência no seu equilíbrio físico e mental.

Assim temos procurado empreender uma visão compreensiva, uma escuta activa e dinâmica, fomentando uma adequação de comportamentos em contexto escolar tendo presente a influência das "emoções" na qualidade de vida e no rendimento escolar desta criança, em desenvolvimento.

3. Avaliação das medidas educativas aplicadas

3.1. Medidas aplicadas e actividades desenvolvidas

(Explicita as medidas do regime educativo especial aplicadas e as actividades desenvolvidas no âmbito da concretização das mesmas)

Na perspectiva duma escola para todos é nossa intenção apoiar as aprendizagens desta criança respondendo às suas necessidades individuais.

Na reeducação de uma criança com Paralisia Cerebral é imprescindível o trabalho em equipa multidisciplinar que promova a sua acção em interacção uns com os outros.

O objectivo primordial da reeducação duma criança com as características do ... é o de evitar o agravamento das limitações motoras e desenvolver ao máximo as potencialidades da criança de modo a permitir-lhe uma boa integração escolar e social.

Como medidas do regime educativo especial adoptadas com base no Decreto-Lei 319/91:

Alínea a) Equipamentos Especiais de Compensação como meio de acesso ao Currículo, referindo-se Equipamento Informático adaptado (Software e Hardware Discover Switch), para processamento da escrita, cedido e instalado pelo CANTIC; Standing-frame para equilíbrio postural e Cunha, usada na aula de Educação Física, cedidos pela CRPCCG; Cadeira de Rodas para locomoção e Material Didáctico Específico para leitura e matemática, Quadro Magnético, Letras, Números, Ímanes diversos para contagens, entre outros materiais úteis e imprescindíveis ao ...

Alínea b) - Adaptações materiais. Tabuleiro adaptado à sua Cadeira de Rodas e os espaços de aprendizagem têm de estar adaptados às suas exigências de locomoção em Cadeira de Rodas.

A arquitectura desta escola contempla rampas de acesso aos diferentes espaços educativos e durante o Ano Lectivo anterior foi montada, numa das casas de banho para crianças deficientes, uma bancada para mudança das fraldas.

Alínea c) - Adaptações Curriculares, considerando-se como tal a redução parcial do Currículo por incapacidade do uso instrumental dos membros superiores e a dispensa de actividades que se revelam impossíveis de executar em função da sua deficiência.



nomeadamente no programa de Educação Física. Estas Adaptações Curriculares não prejudicam o cumprimento dos objectivos gerais do ciclo e tornam-se indispensáveis por se verificar que o recurso aos equipamentos especiais de compensação não são os suficientes. (No Currículo Adaptado, poderão ser consultadas Adaptações Curriculares).

Alínea d) Condições especiais de matrícula, tendo sido encaminhado para a Escola do Agrupamento mais adequada às suas necessidades educativas especiais de carácter motor, permanentes e prolongadas a qual oferece condições de acesso físico facilitadoras da integração do aluno.

Alínea f) Condições especiais de avaliação, considerando-se como tal as alterações ao regime educativo comum nos seguintes aspectos: tipo de prova ou instrumento de avaliação, forma ou meio de expressão do aluno, valorizando-se a avaliação oral devido à penalização do uso da escrita que se prevê de aquisição prolongada, podendo ainda a periodicidade, a duração e o local de execução serem alterados e adaptados às NEE's do aluno.

Alínea g) Adequação na organização de classes ou turmas:

O limite de 20 alunos aplica-se a este caso em que de acordo com o Órgão de Gestão do Agrupamento as necessidades especiais do aluno requerem uma atenção excepcional por parte da professora. A turma em que o aluno está inserido também não deve incluir mais de dois alunos com NEE.

Alínea h) Apoio pedagógico acrescido, consiste no apoio lectivo individualizado, sistemático, na sala de aula, no Departamento de Apoio à Aprendizagem ou noutros espaços de aprendizagem por Professora Especializada.

3.2. Eficácia das opções tomadas

(Avalie as opções tomadas, identificando as razões que justificam o grau de eficácia das mesmas)

As medidas tomadas foram eficazes tendo sido promotoras do sucesso escolar que o aluno tem vindo a manifestar podendo o seu grau de eficácia ter um aumento significativo se forem disponibilizados ao aluno os meios/recursos/equipamentos que indicarei. A ausência destes meios tem implicações em toda a aprendizagem mas sobretudo na escrita, ainda a necessitar de muito treino no processo de varrimento, quase impossível de ser praticado, durante o ano de 2005/2006, devido ao incorrecto posicionamento do aluno para a realização das tarefas, pois não utilizou os meios adequados.



4. Propostas de intervenção para o próximo ano lectivo

(Em função da avaliação efectuada, explicita as medidas do regime educativo especial a aplicar e os recursos a disponibilizar, bem como os aspectos da intervenção educativa a manter e/ou a reformular. Para o efeito, poderá considerar, entre outros, os seguintes aspectos: i) intervenção directa com a criança/aluno; ii) articulação entre técnicos; iii) trabalho com famílias; iv) envolvimento e articulação com serviços da comunidade.)

No próximo ano lectivo de 2006- 2007 deverão ser mantidas as medidas do regime educativo especial já adoptadas com base no Decreto-Lei 319/91, no entanto os recursos que deverão ser disponibilizados para o aluno passarão a ser indicados em seguida e da necessidade dos mesmos se dará conhecimento ao Agrupamento, com base no Relatório da Terapeuta Ocupacional :

Alínea a) Equipamentos Especiais de Compensação como meio de acesso ao Currículo, referindo-se:

- Equipamento Informático adaptado, Software e Hardware Discover Switch, para processamento da escrita, cedido e instalado pelo CANTIC, ou o Software Grid e o manípulo Big Red, podendo também ser utilizado de forma mais atractiva o software Intellipics Studio, Intellimathics e Intellitalk.

- O uso do Standing-frame para equilíbrio postural deverá ser sujeito a uma avaliação pelo Fisioterapeuta da CRPCCG atendendo a que o aluno manifesta um estado doloroso e uma insatisfação permanente quando o utiliza.

- A Cunha, cedida pela CRPCCG, deverá continuar a ser usada nas aulas de Educação Física quando o Roberto está no colchão.

- Deverá ter uma Cadeira de Rodas que ofereça uma postura o mais simétrica e alinhada possível, proporcionando assim um suporte adequado à criança para aumentar a sua funcionalidade, utilizando-a como posicionamento para a realização das actividades escolares e para locomoção.

- Em relação aos acessórios de posicionamento deverá ter cintos de estabilização para :

- Fixação dos pés;fixação da cintura pélvica/anca;controlo do tronco

Material Didáctico Específico para leitura e matemática: Quadro Magnético, Letras, Números, Ímanes diversos para contagens e construções de imagens, entre outros materiais que se venham a revelar-se úteis e imprescindíveis ao

Alínea b) - Adaptações materiais:

Necessita de uma mesa recortada, dado que o aluno, quando trabalha no computador, necessita de posicionar o membro superior esquerdo com flexão do ombro a 90 graus e extensão do cotovelo para assim ter maior sucesso na tarefa, ou seja fica facilitado o movimento voluntário da mão com a estabilização do segmento do braço.

Os espaços de aprendizagem têm de continuar a estar adaptados às suas exigências de locomoção em Cadeira de Rodas.

A arquitectura desta escola contempla rampas de acesso aos diferentes espaços educativos e durante o Ano Lectivo anterior foi montada, numa das casas de banho para crianças deficiente, uma bancada para mudança das fraldas, no entanto esta bancada já é de tamanho insuficiente para

Alínea c) - Adaptações Curriculares, considerando-se como tal a redução parcial do Currículo por incapacidade do uso instrumental dos membros superiores e a dispensa de actividades que se revelam impossíveis de executar em função da sua deficiência, nomeadamente no programa de Educação Física. Estas Adaptações Curriculares não prejudicam o cumprimento dos objectivos gerais do ciclo e tornam-se indispensáveis por se verificar que o recurso aos Equipamentos Especiais de Compensação não é o suficiente

Alínea d) Condições especiais de matrícula, tendo sido encaminhado para a Escola do Agrupamento mais adequada às suas necessidades educativas especiais de carácter motor, permanentes e prolongadas a qual oferece condições de acesso físico facilitadoras



da integração do aluno. Esta alínea deverá ser tida em conta caso o aluno venha a ser transferido de escola a pedido da Encarregada de Educação, situação que deverá ser ponderada de forma equilibrada envolvendo tanto a família como os técnicos intervenientes

Alínea f) Condições especiais de avaliação, considerando-se como tal as alterações ao regime educativo comum nos seguintes aspectos: tipo de prova ou instrumento de avaliação, forma ou meio de expressão do aluno, valorizando-se a avaliação oral devido à penalização do uso da escrita que se prevê de aquisição prolongada, podendo ainda a periodicidade, a duração e o local de execução serem alterados e adaptados ao aluno, tal como aconteceu este ano lectivo em que algumas das Fichas de Avaliação foram realizadas no ambiente securizante do DAA (Departamento de Apoio à Aprendizagem).

Alínea g) Adequação na organização de classes ou turmas:

O limite de 20 alunos aplica-se a este caso em que de acordo com o Órgão de Gestão do Agrupamento as necessidades especiais do aluno requerem uma atenção excepcional por parte da professora. A turma em que o aluno está inserido também não deverá incluir mais de dois alunos com NEE.

Alínea h) Apoio pedagógico acrescido, consiste no apoio lectivo individualizado, sistemático, na sala de aula, no Departamento de Apoio à Aprendizagem ou noutros espaços de aprendizagem, por Professora Especializada no domínio Cognitivo e Motor.

Data: Lisboa, 26 de Junho de 2006

O Docente de Apoio Educativo

Leticia

(Nome completo)

Anexo 4 - Relatório de Avaliação do aluno, Dezembro de 2007-Categorização com base na CIF



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Escola do 1º CEB com JI

Categorização com base na CIF

Nome: [redacted]

Data de nascimento: 23 de Dezembro 1997

Data de avaliação: Dezembro de 2007

Ano de Escolaridade: 3º ano de Escolaridade

Avaliado por: Docente de Educação Especial Joaquim [redacted]

Docente Titular de Turma: Docente Sílvia [redacted]

O [redacted] frequentou o Jardim de Infância em Cabo Verde tendo sido matriculado, no ano lectivo de 2004/2005, no Jardim de Infância da Escola do 1º CEB com JI [redacted]. No ano lectivo anterior (2003/2004) foi sujeito a um adiamento de matrícula nesse ano frequentava o Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian. Tendo a partir de 2004/2005 feito o seu percurso escolar na Instituição onde se encontra matriculado (Escola do 1º CEB com JI [redacted]), este ano lectivo (2007/2008,) no 3º ano do 1º CEB. É de realçar que o aluno se encontra, este ano lectivo, sem qualquer tipo de apoio especializado.

A presente avaliação decorre da necessidade de estabelecer uma categorização para a continuidade de apoio no âmbito da Educação Especial. No entanto, a sua elaboração deve-se ao pedido da docente do regular e da coordenadora da Escola, no sentido de ser justificado um pedido de apoio ao transporte (em táxi) do aluno. A avaliação decorreu durante o mês de Setembro e Outubro tendo sido utilizada uma lista de verificação da CIF. A lista de verificação foi preenchida com recurso à observação directa, entrevista com a docente e relatórios de outros técnicos. Assim, este relatório resulta do preenchimento dessa lista de verificação e de algumas notas que fomos produzindo, tendo como base, uma

1



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS 1

Escola do 1º CEB com JI

Categorização com base na CIF

observação participante. Estas notas tinham por base indicadores gerais de funcionamento organizados por nós e foram posteriormente sistematizadas e organizadas em grandes áreas. Os contextos de observação foram os da Escola. Estes foram diferenciados de modo a facilitar a relativização e realce de comportamentos de interação e de aprendizagem. Mais especificamente, os contextos foram os seguintes: sala (2 vezes), recreio, corredores e refeitório.

Regista-se:

O _____ é portador de uma problemática do âmbito neuromotor (Paralisia Cerebral atetósica). Apresenta, assim, uma problemática ao nível da componente das funções do corpo mais especificamente das funções neuromusculares e relacionadas com o movimento. Esta variação severa, por referência à média, infere-lhe algumas limitações de actividade e restrições à participação.

Embora sem comprometimento grave ao nível das funções mentais observa-se que o aluno devido à sua condição neuromotora apresenta algumas alterações. No que diz respeito às funções do temperamento e da personalidade, observa-se que o aluno apresenta capacidades ao nível da extroversão, amabilidade, responsabilidade, estabilidade psíquica, abertura à experiência, optimismo, segurança e confiabilidade. Apresenta também bons níveis no que diz respeito às funções da energia e dos impulsos apresentando bons níveis de energia e motivação. No entanto, em determinados momentos são observadas algumas limitações ao nível do controle dos impulsos. Estas limitações são observadas, sobretudo, ao nível da alteração dos comportamentos motores.

Também devido às condições neuromotoras e de barreiras no que diz respeito às tecnologias de apoio e condições do meio ambiente o aluno apresenta limitações ao nível da manutenção da atenção. Quanto à percepção, sobretudo percepção



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Escola do 1º CEB com JI

Categorização com base na CIF

visual, também são visíveis limitações que decorrem de um mau posicionamento do aluno na cadeira de rodas.

No que se refere às funções da voz e da fala o aluno apresenta alterações relativamente à produção e qualidade da voz. Estas alterações são extensíveis às funções de articulação, da fluência e do ritmo da fala.

Embora com mais limitações ao nível dos membros inferiores observa-se uma alteração severa tanto ao nível das funções da mobilidade das articulações como da estabilidade das mesmas bem como da mobilidade dos ossos, da força muscular e do tónus muscular. Observam-se, ainda alterações severas no que diz respeito à resistência muscular e ao nível das funções de reflexos motores. Apresenta, também, alterações severas relativamente ao controlo dos movimentos voluntários. Estas observam-se, sobretudo, no decorrer do desenvolvimento de tarefas (de aprendizagem, jogo com pares, alimentação e manutenção da higiene) reacções motoras involuntárias bem como movimentos involuntários de diverso tipo (contracções, tremores, tiques e maneirismos).

Relativamente à componente actividades e participação o aluno faz aprendizagens e aplica conhecimentos tendo capacidade de realizar tarefas múltiplas. Ao nível da motricidade fina o aluno necessita de tecnologias de apoio nomeadamente computador e periféricos adaptados. É de referir que os que o aluno utiliza estão manifestamente desadequados à promoção da sua autonomia e independência. O aluno desloca-se com ajuda utilizando cadeira de rodas, não sendo minimamente independente relativamente às deslocações. O aluno também não procede a autocuidados de qualquer tipo necessitando, permanentemente, de terceiros. Assim, observa-se que relativamente à actividade e participação a maioria das situações são identificadas como barreiras. Como facilitadores observamos as relações interpessoais e a educação.



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Escola do 1º CEB com JI

Categorização com base na CIF

Quanto aos factores ambientais são identificadas barreiras ao nível:

- i) dos produtos e tecnologias para uso pessoal na vida diária,
- ii) produtos e tecnologias destinados a facilitar a mobilidade e o transporte pessoal em ambientes interiores e exteriores,
- iii) produtos e tecnologias para a educação, produtos e tecnologias para a cultura, actividades recreativas e desportivas,
- iv) arquitectura, construção, materiais e tecnologias arquitectónicas em prédios para uso privado.

No que se refere ao apoio e relacionamentos observamos como facilitadores a família próxima, amigos, conhecidos, pares e colegas. São identificadas algumas barreiras ao nível de prestadores de cuidados pessoais e assistentes pessoais. Ao nível das atitudes os critérios são observados, essencialmente, como facilitadores.

No que se refere aos serviços, sistemas e políticas são identificados critérios que indiciam barreiras ao nível da habitação, comunicações, transportes, apoio social indiferenciado e educação.

O Docente da Educação Especial

Anexo 5 – Horário do aluno

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS...
Escola EB 2,3 e Secundária...
Ano lectivo 2010/2011
HORÁRIO DO ALUNO R. 6º D

Dias Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ªFeira	6ªFeira
09:00 - 09:45	LPO	EDF	ING	EDM	CNT
09:45 - 10:30	LPO	EDF	ING	EDM	CNT
10:45 - 11:30	MAT	Apoio UAE/MSC	Standing- frame	Apoio UAE/MSC	Standing- frame
11:30 - 12:15	MAT	EAC	EVT	APR	EVT
12:30 - 13:15	Standing- frame	LPO	CNT	HGP	FCV
13:30 - 14:15	ALMOÇO GRID/recreio				
14:30 - 15:15	ING	HGP	LPO	MAT	EDF
15:15 - 16:00	ING	HGP	LPO	MAT	EMR
16:15 - 17:00	Lanche - Saída				
17:30 - 20:00	Fazer TPC - Estudar				

Standing-frame - Aparelho de posicionamento

GRID - Software (programa que o aluno utiliza no computador para trabalhar nas aulas teóricas/para escrever)